



UNIVERSIDADE DE  
COIMBRA



Daniel Filipe Moreira Alves da Silva

## **ADCHC: MEMÓRIAS COLETIVAS DA CIDADE**

Relatório de estágio no âmbito do Programa de Mestrado em Sociologia, orientado pelo Professor Doutor Paulo Jorge Marques Peixoto, apresentado à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Janeiro de 2019





**adCHC: Memórias coletivas da cidade**

**Ficha Técnica:**

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Relatório de estágio no âmbito do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra para a obtenção do grau de mestre sob orientação do Professor Doutor Paulo Peixoto</b>
<b>Título</b>	<b>adCHC: Memórias coletivas da cidade</b>
<b>Autor</b>	<b>Daniel Filipe Moreira Alves da Silva</b>
<b>Orientador</b>	<b>Professor Doutor Paulo Peixoto</b>
<b>Programa</b>	<b>Mestrado em Sociologia</b>
<b>Área científica</b>	<b>Sociologia</b>
<b>Data</b>	<b>2019</b>



## Epígrafe

---

"As cidades e a memória. 5.

Em Maurília, o viajante é convidado a visitar a cidade e ao mesmo tempo a observar certos velhos postais ilustrados que a representam como era dantes: a mesma idêntica praça com uma galinha no lugar da estação dos autocarros, o coreto da música no lugar do viaduto, duas meninas de sombrinha branca no lugar da fábrica de explosivos. Para não desiludir os habitantes o viajante tem de gabar a cidade nos postais e preferi-la à presente, com o cuidado porém de conter o seu desgosto pelas mudanças dentro de regras bem precisas: reconhecendo que a magnificência e prosperidade de Maurília transformada em metrópole, se comparadas com a velha Maurília provinciana, não compensam uma certa graça perdida, a qual contudo só poderá ser gozada agora nos velhos postais, enquanto outrora, com a Maurília provinciana debaixo de olhos, de gracioso não se via mesmo nada, e igualmente não se veria hoje se Maurília houvesse permanecido tal e qual, e que no entanto a metrópole tem mais esta atração, que através do que se tornou se pode repensar com nostalgia no que era.

E nem pensem em dizer-lhes que por vezes se sucedem cidades diferentes sobre o mesmo chão e sob o mesmo nome, nascem e morrem sem se terem conhecido, incomunicáveis entre si. Às vezes até os nomes dos habitantes permanecem iguais, e o sotaque das vozes, e até mesmo os delineamentos dos rostos; mas os deuses que habitam debaixo dos nomes e sobre os locais partiram sem dizer nada a ninguém e no seu lugar aninharam-se deuses estranhos. É inútil interrogarmo-nos se estes são melhores ou piores que os antigos, dado que não existe entre eles nenhuma relação, tal como os velhos postais não representam Maurília como era, mas sim outra cidade que por acaso se chamava Maurília como esta."

"As Cidades Invisíveis", Italo Calvino



## Agradecimentos

---

Terminada agora esta etapa, gostaria de deixar umas palavras de apreço por todas as pessoas que tornaram possível a conclusão deste ciclo de estudos e deste estágio em particular.

Ao meu orientador, professor Paulo Peixoto, por sempre me ter apoiado e ajudado a desbloquear o trabalho nos momentos em que o nó parecia impossível de desamarrar.

A todos os professores do mestrado em Sociologia que me ensinaram a ver além das fachadas. Todas e todos os que ainda me marcam, deixando-me mais preparado e atento à realidade.

Um agradecimento ao Jazz ao Centro Clube pela disponibilidade. Ao José Miguel Pereira que me recebeu no Salão Brazil ainda antes deste envolvimento académico, e à Catarina Pires que sempre se preocupou em proporcionar condições favoráveis de trabalho, bem como na minha integração no projeto, e me chamava a atenção sempre que necessário.

Um agradecimento aos Serviços de Ação Social da Universidade de Coimbra, pelo suporte que me prestaram ao longo de todos estes anos enquanto estudante. Funcionários do núcleo de bolsas, residências, cantinas e serviços médicos, pessoas preocupadas em realmente servir a comunidade.

Ao Daniel Lopes, cujo trabalho no desenvolvimento do adCHC criou a possibilidade de estar neste projeto.

À minha família. Apesar da distância, a preocupação não cessa.  
A todos os que partiram, e cujo olhar guardo.

À Ana Margarida, sempre presente nos momentos mais difíceis, quando tudo parece perdido. Quando a crença diminuía tu sabias que era capaz, e estás agora a meu lado a celebrar. Esta etapa nunca seria concluída sem ti - e o resto da vida teria muito menos sentido.

Ao Zeca, que sempre me faz sorrir nos momentos mais difíceis.

A todos aqueles que disponibilizaram o seu tempo para falarem da cidade.

A todos e todas aquelas gentes que alguma vez se cruzaram comigo e me fizeram olhar para a cidade de uma outra forma, bem como a nunca esquecer que as pessoas são o mais importante.



## Resumo

---

O JACC (Jazz Ao Centro Clube) tem vindo a desenvolver um trabalho de reflexão e de aproximação à comunidade residente, com o objetivo de contribuir para a valorização e para a transformação criativa, social e urbana do Centro Histórico de Coimbra. Assim, o adCHC (Arquivo Digital do Centro Histórico de Coimbra) procura desafiar a comunidade a participar na (re)construção de uma memória coletiva da cidade. A partir das recolhas do Arquivo Sonoro e do trabalho efetuado para o Museu Temporário de Memórias, foi decidido avançar-se para a constituição de um repositório online que permitisse a divulgação e o uso dos materiais recolhidos ao longo do tempo, numa colaboração com o DEI (Departamento de Engenharia Informática) da UC para dar corpo a essa vontade. O objetivo consistiu em criar um espaço que convida ao contributo de todos, pela participação de cada pessoa na construção do acervo digital do centro histórico. A parceria entre o JACC e o DEI concretizou-se através do projeto para criação de um website que corresponde a uma primeira fase da vida do Arquivo. A segunda fase do projeto corresponde à pesquisa, produção e inserção de conteúdos, através do envolvimento de estudantes de licenciatura e de mestrado de alunos de licenciatura e mestrado em Sociologia. O presente relatório de estágio procura retratar um trabalho que se foi situando entre esses dois níveis. O trabalho teve por objetivo mostrar o desenvolvimento do projeto, produzindo ao mesmo tempo conteúdos atuais que permitam escutar as paisagens contemporâneas da cidade e consistiu ainda na recolha de outros que já existem para integrar o adCHC. Procurou-se também acompanhar a evolução da plataforma para compreender as suas potencialidades. Existe um potencial colaborativo com o uso deste tipo de plataformas digitais, e a sua disseminação é sem dúvida benéfica para o exercício democrático da cidadania.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arquivo Digital; Centro Histórico de Coimbra; JACC; Plataformas digitais; cidade

## Abstract

---

*In the last few years, JACC has been developing a work of analysis and approximation to the living community, aiming to contribute for the improvement and creative, social and urban transformation of Coimbra Historical Centre. Therefore, adCHC invites the community to participate in the (re)construction of a collective city's memory. Starting with the collected sounds from the CHC Sound Archive, and inspired by the worked developed for Temporary Museum of Memories, it was decided to create an online repository which would allow a free use and the diffusion of the collected elements, in a collaboration with UC's DEI. The main goal consisted in create a space that invites contributes of everybody, through the participation of everyone in the construction of a digital library about historical centre. The collaboration between JACC and DEI consisted in the creation of a website, which corresponded to the first phase of the Archive. The second phase is related with the search, production and insertion of files in the platform, thru the involvement of Sociology's undergraduate and graduate students. This internship report depicts a work that have been balancing between that two phases. A description that shows the developing of the project, at the same time that produces actual elements that allow listening the city contemporaries' landscapes; it also consisted of collecting another objects to embed adCHC. The evolution of the platform have been looked up too, trying to understand it's potential. Using this type of platforms have a collaborative strength, and it's dissemination is undoubtedly helpful to democratic exercise of citizenship.*

**KEYWORDS:** *Digital Archive; Coimbra Historical Centre; JACC; Digital platforms; city.*

# Índice

---

Epígrafe.....	i
Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	v
Abstract.....	vi
Índice.....	vii
1. Introdução.....	1
2. Memórias coletivas da cidade.....	4
3. Os territórios do som.....	4
4. O problema do Centro.....	6
5. Lugares de identidade e da memória.....	7
6. Jazz Ao Centro Clube (JACC).....	10
7. Serviço Educativo.....	14
8. Arquivo Digital do Centro Histórico de Coimbra.....	15
8.1 Apresentação.....	15
8.2 Problematização.....	17
8.3 Memória Descritiva.....	19
8.4 <i>Work in Progress</i> .....	25
9. Conclusão.....	30
10. Referências bibliográficas.....	33
<b>ANEXOS.....</b>	<b>35</b>
<b>Anexo I.....</b>	<b>36</b>
<b>Anexo II.....</b>	<b>46</b>
<b>ANEXO III.....</b>	<b>50</b>



## 1. Introdução

---

O que pode ser um Arquivo? Uma ferramenta de estudo, destinada apenas a académicos, professores e estudantes de história, arte, arquivística, geografia, sociologia...? Um repositório de materiais antiquados, sem uso? Ou pode um Arquivo capacitar e tornar a sociedade mais democrática, facilitando o exercício da cidadania?

A propósito de uma reflexão sobre a experiência de pesquisa e documentação dos Arquivos de Cultura Contemporânea (que contemplam o acervo do PACC, Programa Avançado de Cultura Contemporânea, vinculado ao Fórum de Ciência e Cultura/UFRJ), Cristina Barros Barreto (2008) enquadra da seguinte forma o papel dos arquivos na preservação da memória e produção do conhecimento:

Conforme Andréas Huyssen (2000: 8), ao contrário da atenção voltada para o futuro, característica do começo do século XX, a partir dos anos 1980, o foco se desloca, para o “passado presente”. Os discursos de memória emergem como “no rastro da descolonização e dos novos movimentos sociais em sua busca por histórias alternativas e revisionistas” (2000: 10), numa procura por outras tradições e pela tradição dos “outros” em contraposição com a história oficial e hegemônica. Por um lado, apontava-se o fim da história convencional, tradicional, e, por outro, crescia a preocupação com a preservação e o acesso a registros do passado. A tendência de multiplicação dos arquivos acontece no momento em que se percebe “a história como uma narrativa construída e não mais como a descoberta e reconstituição de um passado efetivamente existente, isto é, ‘daquilo que de facto aconteceu’” (STROZENBERG, 2000). É neste sentido que se vinculam as atividades de pesquisa e documentação, pois acredita-se na “vontade de memória” (NORA, 1993) e no facto de que a reunião dessa documentação, resultante dos estudos realizados, permitem sua permanente ressignificação.

A vontade de memória e de colheita de registos que permitem reconstruir e ressignificar o passado da cidade no presente está patente no projeto de arquivo que este relatório pretende dar a conhecer. O Arquivo Digital do Centro Histórico de Coimbra (adCHC) surge no seguimento da extensão das atividades do Jazz ao Centro Clube (JACC). A partir das recolhas do Arquivo Sonoro (Arquivo Sonoro do Centro Histórico de Coimbra, projeto que o JACC desenvolve desde 2013 sob direção artística de Luís Antero, a partir da ideia de 'paisagem sonora', de Murray Schaffer) e do

trabalho efetuado para o Museu Temporário de Memórias, foi decidido avançar-se para a constituição de um repositório online que permitisse a divulgação e uso dos materiais recolhidos ao longo do tempo.

Um Arquivo desta natureza tem a vantagem de permitir uma visão holística da história da cidade, ao centralizar vários tipos de documentos. Ao mesmo tempo, convida ao contributo de todos, pela participação de cada pessoa na construção do acervo digital do centro histórico. Construir um postal em vários formatos que revele as várias cidades que se encontram em Coimbra, formando um conjunto de “Memórias Coletivas da Cidade”.

Estando o espaço urbano em frequente mutação, relacionado a rotinas cíclicas, conectado às experiências de quem o ocupa ou às interpretações de quem o visita, pode referir-se que as próprias relações sociais e a vida dos sujeitos têm impacto na construção da leitura de cidade. Dessa forma, é possível perceber que “quanto mais gradual for a participação no espaço público, maior será a estimulação dos sentidos e, conseqüentemente, se adquirirá um sentido crítico” (Ribeiro, 2013: 77). Então, agora que passam cinco anos desde que a Universidade, Alta e Sofia foram consideradas Património Mundial pela UNESCO, importa perceber se a cidade e o país estão a evidenciar o potencial da cidade e da região.

Logo, tendo em conta a importância da participação dos cidadãos na vida da cidade, é fundamental também envolver quem habita quotidianamente a urbe e perceber o *feedback* de quem visita Coimbra para este processo. Daí a importância dos testemunhos recolhidos em zonas estratégicas classificadas. O recurso ao *Vox Pop* torna-se por isso mesmo uma ferramenta interessante para obter no momento idealizações da cidade no próprio espaço urbano, fixando essa lembrança num dado momento temporal. Para além disso, sendo resultado de um processo de interação entre mim enquanto entrevistador e as pessoas que circulavam pelas ruas, permitiu também uma reflexão pessoal sobre a minha própria relação com a cidade e as suas particularidades.

A nível estrutural, o presente relatório divide-se em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta uma breve recapitulação concetual, descrevendo alguns conceitos necessários para enquadrar o projeto, como paisagem sonora, memória social, centro e centro histórico, de forma a introduzir o entendimento do próprio adCHC. O capítulo seguinte é dedicado à caracterização da entidade acolhedora do estágio, responsável pela condução do adCHC, e do enquadramento do respetivo Serviço Educativo, no âmbito do qual surgiu o adCHC. A informação explanada neste capítulo surge do contacto regular com a instituição e da consulta de materiais recolhidos, bem como dos contactos que foram sendo estabelecidos durante o estágio, formal e informalmente. Uma terceira parte é dedicada ao adCHC, subdividida em quatro segmentos: uma apresentação do Arquivo e da sua usabilidade, a problematização de alguns textos, uma memória descritiva da

evolução do adCHC e do meu contributo para esse processo e, por fim, um resumo do que se cumpriu e do que se pode ainda fazer.

## 2. Memórias coletivas da cidade

---

As narrativas que se formam sobre a cidade são resultado do cruzamento das várias memórias construídas em coletivo. É por isso importante ter em conta o aspeto social da memória, observado em primeiro lugar de forma sistemática por Halbwachs. As recordações do passado são idealizadas no presente, a partir de interações sociais entre indivíduos com base em linguagem e representações e convenções coletivas, pelo que pode ser inserida dentro do campo dos processos sociais (Pinto, 2004: 71). Os múltiplos usos do património em estratégias de desenvolvimento local, num momento em que as cidades antigas buscam formas de renovação (Peixoto, 2008), colocam as memórias e as perceções das paisagens no centro das reflexões sobre a transformação que se deseja.

## 3. Os territórios do som

O ser humano, enquanto vivo, escuta e produz sons. Tudo é som, mas existe uma primazia do olhar na sociedade. É uma realidade inescapável, e talvez seja essa omnipresença que o leve a esquecer essa certeza. Mesmo surda, uma pessoa pode sentir ao longo do corpo as vibrações que constituem a matriz do que se convencionou chamar som.

A paisagem sonora pode ser definida enquanto “ambiente sonoro assente na forma como ele é percebido pelo indivíduo ou sociedade” (Augusto, 2014: 76). Imagine-se um dado local, neste preciso instante. São inúmeras as paisagens que podem ser descritas, mediante a disponibilidade e o interesse da pessoa que ativa ou passivamente escuta.

Esta possibilidade de ilimitadas leituras sonoras que o mesmo espaço/tempo, como uma certa rua de uma cidade nos oferece, contém uma riqueza que muitas vezes é ignorada ou pouco reconhecida. Os sons recolhidos e que integram o adCHC admitem, em primeiro lugar, imaginar várias paisagens, pessoais e transmissíveis. O arquivo oferece também a hipótese de encapsular o tempo num ponto preciso da cidade. Esse efeito motivou a génese do adCHC, que permite disponibilizar a qualquer pessoa essas paisagens, e convidar à participação de cidadãos com novas recolhas. Por sua vez, as entrevistas recolhidas em pontos estratégicos, que integram a área definida como centro histórico, anuem não só cruzar o olhar individual com o próprio espaço físico,

deixando a paisagem contaminar os discursos, mas também permitem, indiretamente, escutar o som da própria cidade, cristalizado nos instantes da gravação.

Estes sons podem conduzir a uma questão com vários desdobramentos. Como refere Carlos Alberto Augusto, no seu ensaio sobre “Sons e Silêncios da Paisagem Sonora Portuguesa”, “haverá um modo português de ouvir e fazer som?” (Augusto, 2014: 14).

“O que distinguiu e distingue a nossa paisagem sonora das outras e que influências terá aquela nestas? E que influência terá tido a paisagem sonora no nosso modo de ser? O que é distintamente português na nossa paisagem sonora? Existe um património sonoro português?” (Augusto, 2014: 15).

A propósito do trabalho desenvolvido, interessa aqui reduzir um pouco o alcance territorial. Poderá a cidade de Coimbra apresentar paisagens sonoras distintas em relação a outros territórios? Quais serão as suas marcas distintivas e, simultaneamente, aquelas que a registam sonoramente como cidade portuguesa?

“Segundo Schaffer (1977) há relação explícita entre o espaço sonoro que o sino define e a área da paróquia. (...) O som do sino da “minha aldeia” define o espaço da “minha terra”. Quando se deixa de ouvir o sino da nossa terra, é sinal que entrámos no território dos “outros”” (Augusto, 2014: 20).

Segundo Paula Casaleiro e Pedro Quintela, numa comunicação feita no VI Congresso Português de Sociologia, sobre as paisagens históricas dos centros históricos de Coimbra e Porto, “as diferentes configurações das paisagens sonoras no tempo e no espaço conferem uma identidade própria a estes espaços de Porto e de Coimbra, muitas vezes ainda vincada pela história da cidade” (Casaleiro e Quintela, 2008: 10). Desta forma, os autores concluem que “em Coimbra prevalecem muitos sons tradicionais associados à sua história secular de cidade universitária” (*idem*), exemplificando com a torre da Universidade, o fado de Coimbra ou os gritos académicos.

O sino da torre da Universidade, por exemplo, demonstra essa importância da marcação territorial determinada pela paisagem sonora. A torre impõe-se não apenas como limite visual do edificado da Alta, como também sustenta as badaladas da “Cabra”, que dominam o ritmo académico dos estudantes.

Seguindo a classificação proposta por Krause, poder-se-á dizer que serão as Antropofonias, paisagens sonoras marcadas pelos sons da comunicação humana, do funcionamento das máquinas e dos objetos quotidianos, aquelas que consensualmente descrevem com maior rigor uma cidade.

As múltiplas fontes sonoras que aí se apresentam, com intensidades acima do limite do que se poderia considerar aceitável, conduzem a que se possa dizer que o ruído “marca a paisagem sonora portuguesa” (Augusto, 2014: 28). Ideia também defendida por Casaleiro e Quintela: “os sons constituem então uma dimensão intangível da identidade de uma cidade. Neste sentido, a identidade sonora pode contribuir para o reforço identitário das comunidades (Casaleiro e Quintela, 2008: 9).

Nesse sentido, e voltando a recentrar as atenções em Coimbra, pode dizer-se que as paisagens sonoras acabam por evidenciar distintos modos de vivenciar os locais. No entanto, são também capazes de denotar algumas delimitações dos vários espaços da cidade. Daí que “as sonoridades da Alta e da Baixa de Coimbra revelam uma apropriação do espaço muito distinta: a Baixa atrai um conjunto muito diferenciado de pessoas, desde logo pela oferta em termos de serviços e comércio, mas também pelo seu interesse patrimonial; já a Alta é frequentada maioritariamente por estudantes e turistas, tendo pouco comércio e uma zona residencial envelhecida e desertificada” (*idem*).

## 4. O problema do Centro

O primeiro desafio que o adCHC apresenta está contido no seu próprio nome: Centro Histórico de Coimbra. E a dimensão do problema antecede os exercícios de delimitação geográfica que um trabalho desta natureza exige. Reside na própria enunciação daquilo que é, ou deve ser, o *centro histórico*.

Escondido sob uma aparente rigidez a que remete a palavra *histórico*, o centro apresenta na verdade múltiplas possibilidades *não-históricas*. Surge então uma hipótese atrativa: pensar esse *centro* não apenas como um signo potente de discursos contraditórios sobre o passado, mas também como o próprio devir desse organismo que é a cidade.

O rigor obriga, em primeiro lugar, a definir o que é o centro. Pode dizer-se que será um lugar “que quase todos conhecem e que é o principal referenciador de uma cidade” (Domingues, 2018). Como “lugar de lugares delimitado por uma fronteira, geograficamente recortado e destacado de um espaço envolvente que não será cidade ou que sendo, dá por outro nome” (*idem*): periferia ou periferias.

Procuramos então o centro. Onde pode estar? É um espaço que ocupa um lugar distinto. “Ainda não é frequente que a resposta à pergunta sobre o lugar onde está o centro da cidade não

seja outra pergunta: qual centro de qual cidade?” (Domingues, 2018). E de que tempo? Com a democracia há “outras práticas e outros registos de visibilidade para o centro” (*idem*).

O centro não se resume só aos monumentos, mas a um conjunto de atividades, de iniciativas e de práticas culturais, que acabam por ser transversais às dimensões política e social, e que envolvem, naturalmente, as vivências pessoais:

“As áreas centrais das cidades, enquanto referente simbólico da urbanidade, constituem-se como fator de coesão e de integração das comunidades, dos grupos e dos espaços, estabelecendo uma relação espacialmente hierarquizada com os diferentes ‘territórios’ do urbano – sejam económicos, políticos, culturais ou sociais” (Barreto, 2010: 39).

Dessa forma, o centro pode, assim, também ser encarado como a junção de serviços financeiros, políticos, executivos, administrativos e sociais que acabam por permitir a regulação estrutural e funcional da urbe (Castells, 2000). Ideia sublinhada por Barreto, uma vez que estas atividades “e a concretização das necessidades que lhe estão associadas pressupõe a conectividade dos espaços através de redes de transporte e de telecomunicações” (Barreto, 2010: 37).

## 5. Lugares de identidade e da memória

Partindo da decomposição do conceito de centro, importa agora afunilar a análise para o conceito de *centro histórico*, indo assim ao encontro, mais uma vez, do adCHC. No entanto, para este conceito há que acrescentar ainda o entendimento da dimensão de *património*.

“A identidade e o estilo de uma cidade ou de uma região são, hoje em dia, definidos, de um modo visível, pela valorização ou invenção de um património (Peixoto, 2002). Parece ser muito nítido que o ritmo frenético da patrimonialização se caracteriza por uma ‘reinvenção’ semântica e funcional em vários domínios (Hobsbawm e Ranger, 1983; Lowenthal, 1996; Lamy, 1996), num sentido em que ‘a marca de tradição do património se converte em capital de inovação’ (Fortuna, 1997). Por isso, a noção de conservação que invadiu a retórica alusiva às políticas urbanas é apenas o ‘mito necessário’ que permite disfarçar que o ‘centro histórico’ é muito mais que artefactos e hábitos do passado que foram preservados (Goodey e Ophir apud Ashworth e Tunbridge, 2000)” (Peixoto, 2003: 215).

A proteção e conservação do património, “defendidas em nome de valores científicos, estéticos, memoriais, sociais e urbanos das sociedades industriais avançadas, passam a servir de

mediadoras do turismo cultural, de que o património edificado é o aglutinante” (Galvão, 2013: 19). Ideia que remonta a 16 de novembro de 1972, quando a UNESCO reuniu para uma conferência sobre a proteção do património mundial cultural, que defende um conjunto de consensos relativos do património para as gerações futuras. Dessa forma, evolui-se para as ideias de turismo e de sociedade de lazer, ou até peso da cultura. Conceitos que, atualmente, ganham grande peso nesta ideia de património.

Ainda assim, cruza-se, novamente, a dimensão humana/relacional, pois a memória é crucial para a perceção de um lugar, de um monumento, de um edifício, etc. Dessa forma, a conservação destes espaços e a sua classificação como património “só é possível com a salvaguarda de uma memória relativa aos mesmos e, ao serem intervencionados, deve contribuir-se para essa manutenção da identidade e da cultura específicas de um povo” (*idem*). Nesse sentido, é possível perceber que a preservação destas memórias deve estar longe de uma segmentação isolada e deve caminhar para uma contextualização próxima da vivência contemporânea dos locais.

Partindo para o contexto de Coimbra, com alguma facilidade relativa, percebe-se que a cidade é constituída pela soma de um conjunto de núcleos urbanos, fruto do seu próprio processo urbanístico. Daí que se criem diversas centralidades dentro de Coimbra, em que a análise do espaço físico “como tipologia urbana corresponde também uma análise vivencial do lugar como uma identidade agregadora do espaço físico e espiritual” (Ferreira, 2007: 13). Assim, Carolina Ferreira, na Prova Final de Licenciatura em Arquitetura pelo Departamento da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC, defende que “é na dinâmica urbana, nos processos de criação e expansão que se destacam determinados núcleos potenciadores de uma centralidade no seio do conjunto urbano”, mais tarde designados por “centros de identidade”.

Os conceitos urbanísticos de património ou de centro relacionam-se, então, com a própria dinâmica da cidade, tendo em conta quem a habita ou quem a visita. Esta ideia permite abranger um cruzamento de memórias e conhecimentos entre os mais novos e os mais velhos, o que acaba por evidenciar o património imaterial e de alguma forma simbólico.

Assim, podemos referir que o centro histórico constitui uma nova forma de caracterizar o espaço da cidade. Segundo Paulo Peixoto, “é um objeto que permite, ao mesmo tempo, dar conta desse imponderável hiato entre a cidade imaginada e ensaiada pelos projetos e a cidade vivida, onde as políticas urbanas tantas vezes se demoram, chegando, por vezes, a encalhar” (2003: 212). Nesse sentido, importa assim clarificar a sustentabilidade e o funcionalismo para a cidade da aposta na valorização do centro histórico, tendo em conta as dinâmicas e as exigências atuais e o espaço moldado pelo passado recente. Para tal, como refere Peixoto, contribuem os projetos e as políticas

de transformação urbana, os fluxos turísticos e das dinâmicas do mercado urbano de lazeres, e as intervenções urbanísticas, bem como o significado social dessas intervenções (*idem*).

No entanto, para além das dimensões referidas e da importância que a gestão e priorização da dimensão urbanística, tendo em conta os aspetos económicos e até de sustentabilidade, importa perceber o domínio simbólico. Isto é, as valências sociais e culturais, que denotam as vivências pessoais, acabam por pesar também na cidade.

Na análise ao espaço urbano de Coimbra é notória a expansão potenciada pela UC, tendo a Universidade um papel fundamental na própria atividade urbana, devido ao intenso fluxo estudantil que circula em Coimbra. No entanto, por vezes, esta dinâmica acaba por sobrepor-se ao resto da vida cidadina, acabando o centro histórico por esmorecer, apesar de vários projetos que procuram contrariar este paradigma, sobretudo depois da classificação enquanto património destes espaços.

Este peso da Universidade acaba por refletir-se também nos próprios circuitos turísticos, elaborados sobretudo em redor dos espaços universitários, ou programas culturais da cidade, fortemente vinculados pela agenda universitária ou académica. No entanto, é importante ultrapassar este paradigma. A cidade precisa de refletir a “diversificação dos roteiros turísticos regulares dentro da cidade [...] de forma a elevar a qualidade e quantidade da oferta turística” (Fortuna *et. al.* 2012: 140), por exemplo através de “rotas históricas, literárias, políticas, musicais, religiosas, gastronómicas, dos espaços vividos” (*idem*). Cenário em que as vivências pessoais de quem habita a cidade ganham novos contornos para a promoção do património de Coimbra. Ideia defendida também por Catarina Ribeiro, na Dissertação de Mestrado em Sociologia intitulada “Sonoridades Urbanas: A cidade da audição Construção de um arquivo sonoro de Coimbra”:

“No caso de Coimbra, o desafio passa por dar outra imagem que vá além da habitual abordagem ‘Coimbra, a charming university town, where we breathe in the atmosphere a mixture of student and University itself’ (Gomes e Fortuna, 2010: 23), porque não se respira só a academia e a Universidade. Respiram-se e ouvem-se também os sons escondidos nos becos da Baixa, nos recantos da Alta, nas bancas do mercado ou nas praças invadidas pelas feiras” (Ribeiro, 2013: 76).

## 6. Jazz Ao Centro Clube (JACC)

---

O JACC é uma associação cultural sem fins lucrativos, nascida a 30 de abril de 2003, no âmbito do evento integrado na Coimbra Capital Nacional da Cultura (2003), Jazz ao Centro - Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra.

O Jazz ao Centro - Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra completou 15 edições em 2017 e o seu principal triunfo é o de ter conseguido atrair um público que não sendo constituído por conhecedores (pelo menos assim o aponta o resultado dos inquéritos realizados) adota sempre a dúvida razoável que qualquer direção artística deseja fazer florescer. O festival consegue distinguir-se, sobretudo em três linhas:

i) É um espaço de criação artística.

Ao longo das suas 14 edições foram gravados 19 discos, todos eles com ampla distribuição internacional e, no caso de uma mão cheia dessas edições, com reconhecimento por parte da crítica, entrando em várias listas como "melhor disco do ano". A ênfase nos últimos anos tem sido colocada no contacto entre músicos portugueses e músicos europeus e americanos, permitindo alargar a rede de contactos da "cena jazzística portuguesa" e consolidando carreiras individuais;

ii) É um espaço de contacto próximo com o público.

Este contacto acontece pelo facto de o ambiente de "clube" ser privilegiado durante o festival. Com efeito e ao contrário do que acontece a maior parte das vezes, as sessões no Salão Brazil (after-hours) acabam por ser os momentos altos do festival (e não os concertos de auditório).

iii) É um espaço de diversidade de propostas.

Apresentam-se, lado a lado, propostas mais convencionais, inteiramente respeitadoras da tradição, e propostas vanguardistas, que apresentam as explorações mais atuais das linguagens jazzísticas, da música contemporânea e da *world music*.

Abriu-se assim caminho, não só para a continuidade deste festival, mas também para um vasto conjunto de atividades perfeitamente alinhadas com os objetivos estatutários da associação: promoção, divulgação e ensino do Jazz. Desde cedo se iniciou uma parceria com a editora portuguesa especializada em Jazz, a lisboeta "Clean Feed", e desta colaboração surgiu uma coleção de discos denominada "JACC Series", que reúne gravações de atuações ao vivo organizadas pelo Clube nos "Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra". Estes CDs têm uma comercialização

mundial, pelo que têm contribuído para a promoção e notoriedade internacionais deste evento e da própria cidade de Coimbra.

Em Junho de 2005 o JACC lança-se no ambicioso projeto de editar a única revista de Jazz de edição nacional. A “jazz.pt”, revista bimestral de Jazz, ultrapassou já todos os recordes de longevidade de publicações desta natureza. O seu mérito foi reconhecido oficialmente pelo Ministério da Cultura que lhe atribuiu, em agosto de 2006, o estatuto de “Superior Interesse Cultural”.

A “jazz.pt” é atualmente uma revista online, dedicada ao Jazz e à música improvisada. Depois de oito anos de edição em papel, transitou para a Internet, conquistando assim um maior número de leitores (em média, cerca de 4.000). É a única publicação do género em Portugal, tendo uma longevidade que a torna num caso ímpar na história do jornalismo musical português. O projeto online dá especial atenção à atividade nacional de músicos, editores e produtores de festivais e concertos, por meio de agenda, notícias, entrevistas, reportagem de eventos e crítica de discos, publicados com uma frequência quase diária, sem descurar a cobertura de atuações ao vivo e de gravações discográficas de muitos dos mais importantes músicos improvisadores e de Jazz de vários países, aquando da sua vinda a Portugal.

No ano de 2007 inicia-se um novo projeto, o Portugal Jazz - Festival Itinerante de Jazz, uma iniciativa com uma forte componente pedagógica e de promoção da criação nacional que pretende levar o Jazz a todos os municípios portugueses. O festival itinerante continua a somar realizações perseguindo o objetivo da total abrangência territorial. Por este motivo, bem como pelo claro compromisso de divulgação do trabalho dos músicos de Jazz portugueses este evento é merecedor do reconhecimento das mais altas autoridades nacionais: “Alto Patrocínio de Sua Excelência o Presidente da República” e estatuto de “Interesse Cultural” atribuído pelo Ministério da Cultura. Atualmente, este projeto encontra-se encerrado. No entanto, o JACC continua a promover projetos como o XJAZZ. A atividade do JACC representa, assim, uma vitória no que respeita ao esforço de descentralização da oferta cultural.

Em abril de 2010, assinalando o sétimo aniversário do clube, surge a JACC RECORDS, com a principal missão de apoiar os músicos de Jazz portugueses na promoção e divulgação dos seus projetos. Para além da vertente musical, a JACC RECORDS constituiu-se, também, como um veículo de promoção e de divulgação dos designers portugueses, lançando-lhes o desafio para que utilizem as capas dos CDs como montra dos seus trabalhos.

A JACC RECORDS distingue-se no panorama editorial português pelos seguintes fatores:

- i) Carácter não lucrativo;
- ii) Defesa indefetível do património musical português na ótica da proteção do que existe e não tem espaço para ser gravado, editado e distribuído profissionalmente e da música portuguesa em gestação que resulta da pesquisa e da experimentação e do encontro;
- iii) Defesa de valores artísticos e estéticos baseados na visão do Jazz como um *continuum* de inovações artísticas no campo musical, multicultural por natureza, pese embora as suas inegáveis raízes afro-americanas;
- iv) Esforço de dar visibilidade internacional à criação musical portuguesa contemporânea.

Ao longo do seu percurso, o JACC colaborou regularmente com algumas das principais salas do país: CCB (Lisboa), Casa da Música (Porto), TAGV (Coimbra), Teatro Viriato (Viseu), Teatro Municipal da Guarda, Teatro Virgínia (Torres Novas), CAE da Figueira da Foz, CAE de Portalegre, entre outras.

Em agosto de 2012, o JACC adquiriu o trespasse do Salão Brazil, edifício histórico da Baixa de Coimbra, que já foi panificadora, restaurante e sala de bilhar. A nova etapa traduziu-se num aumento significativo da oferta cultural em Coimbra, sobretudo ao nível da música (não somente do Jazz), mas também de outras artes de palco, o que veio introduzir novas reflexões que se têm materializado através da atividade do Serviço Educativo, criado em 2015-16.

Transversal a todas as atividades a realizar no Salão Brazil, encontramos uma lógica funcional dupla:

- a) Salão Brazil como um espaço de participação e (re)conhecimento ativo das artes e da cultura como fatores de crescimento pessoal, fortalecimento comunitário e de desenvolvimento socioeconómico (dimensão dialógica e espaço agonístico, ou seja, de diálogo e confronto produtivo com a criação artística contemporânea).
- b) Salão Brazil como plataforma de apresentação de espetáculos com um forte enfoque na inovação artística e na criação discográfica nacional por parte de artistas emergentes. Mais de 25% da programação é dedicada ao Jazz e às músicas improvisadas de cariz exploratório, sendo que a esmagadora maioria dos artistas tem idade inferior a 40 anos.

No contexto nacional, o espaço ocupado pelo Salão Brazil, no conjunto de salas de espetáculo, é verdadeiramente excepcional. O principal desafio, no contexto da lógica de programação prevalecente, é o de equilibrar, sem cair na amálgama pós-moderna, propostas bastante

distintas, fornecendo guias e passaportes de livre circulação entre obras e práticas musicais qualificadas e populares.

Os eixos programáticos que norteiam as opções artísticas deste espaço são os seguintes:

- i) Música atual. Uma aposta clara na promoção e divulgação da música portuguesa atual, apoiando músicos e coletivos (na sua grande maioria jovens). Inscreve-se neste eixo programático a apresentação de novas obras discográficas promovidas pelos seguintes coletivos artísticos: Associação Sonoscopia, Carimbo Porta-Jazz, Shhpuma, Sintoma Records, JACC RECORDS, Mbari, Lovers & Lollypops, PAD, Omnichord, entre outros.
- ii) Inserção do Salão Brazil numa rede de apresentação de concertos que ultrapassa as fronteiras nacionais. Esta rede é qualificada, mas de carácter informal e faz uso da posição geográfica estratégica de Coimbra.
- iii) Ao longo da sua existência, o JACC conta já com cerca de 380 concertos de Jazz organizados em Coimbra. Criado após uma série de tentativas de um coletivo de pessoas que queria mais concertos deste género musical em Coimbra, o JACC tem vindo a afirmar-se como uma estrutura para a promoção do Jazz, em especial do Jazz português. Continua a organizar os Encontros Internacionais de Jazz de Coimbra ou o X Jazz, assegurando também a edição da revista “jazz.pt”, bem como a assegurar a editora JACC RECORDS, que já editou 33 discos.
- iv) A Associação está também envolvida no recém-formado “Clube UNESCO Arte, Património e Comunidade de Coimbra”, que foi assinado no passado dia 30 de abril (de 2018). O momento da assinatura do Protocolo de criação do Clube contou com a presença do representante da Cátedra UNESCO Diálogo Intercultural em Patrimónios de Influência Portuguesa da Universidade de Coimbra.
- v) “Criado no seio do JACC, este novo Clube UNESCO vem enriquecer a rede de clubes, aprofundando a reflexão e a ação do seu serviço educativo em torno das temáticas dos direitos humanos, educação artística e musical, património mundial e imaterial, inclusão social e envolvimento comunitário”.<sup>1</sup>

O JACC vai trabalhar com três escolas associadas à UNESCO em Coimbra para trabalhar essas temáticas. Em entrevista a um diário local, na altura da assinatura, foi referido que se pretende “tentar, junto da comunidade escolar, mas também do resto da população, criar iniciativas que permitam que reconheçam e conheçam o património incluído na lista da UNESCO”.

---

<sup>1</sup> <https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/noticias/novo-clube-arte-patrimonio-e-comunidade-de-coimbra>

## 7. Serviço Educativo

---

O Serviço Educativo do JACC assume uma aposta forte nos domínios da formação e sensibilização de públicos, mas igualmente da criação artística. Com efeito, é a partir do Serviço Educativo que surgem as criações próprias do JACC e, ao mesmo tempo, se dialoga com as propostas de programação de outras atividades gerais. Esta valência promove residências artísticas em estreita articulação com a programação do Salão Brazil. Ao mesmo tempo, as criações próprias permitem estabelecer ligações com outras instituições e trabalhar sobre as relações das práticas artísticas com a comunidade, onde temáticas centrais para a cidadania cultural são debatidas.

O Serviço Educativo do JACC procura desempenhar um papel ativo na transformação social criando condições de fruição, pesquisa e reflexão que alarguem e intensifiquem as relações entre artistas, entidades culturais e comunidades locais não-artistas. Foi, justamente, no seguimento desta ideia e no âmbito de atividades desenvolvidas pelo Serviço Educativo que surgiu o adCHC.

## 8. Arquivo Digital do Centro Histórico de Coimbra

---

### 8.1 Apresentação

Desde que fixou a sua sede no Salão Brazil, na Baixa de Coimbra, o JACC tem vindo a desenvolver um trabalho de reflexão e de aproximação à comunidade residente, com o objetivo de contribuir para a valorização e para a transformação criativa, social e urbana do Centro Histórico de Coimbra. Assim, o adCHC procura desafiar a comunidade a participar na (re)construção de uma memória coletiva da cidade.

Todavia, é necessário recuar um pouco para compreender como surgiu. Em 2016, a propósito do Sons da Cidade (projeto que nasceu no âmbito da iniciativa que assinala a classificação da Universidade de Coimbra como Património Mundial da UNESCO), foi criado o “Museu Temporário de Memórias”. Instalado no antigo Armazém de Fazendas, da Companhia de Fazendas de Coimbra, foi criado com a colaboração dos comerciantes, habitantes e artistas da Baixa de Coimbra, e reunindo objetos através dos quais foram sendo reveladas histórias desconhecidas da Baixa e da cidade. O sucesso da iniciativa ditou que o “Museu” permanecesse aberto para além do tempo do evento (entre 25 de junho e 4 de julho), até ao final de setembro desse ano.

Ao mesmo tempo, surgiu a ideia de ser criado um repositório online para esses materiais, como se pode ler numa notícia<sup>2</sup> publicada à data:

“Para criar o museu, os artistas procuraram ouvir comerciantes e trabalhadores da Baixa, num trabalho que continua a ser feito. Com a colaboração da investigadora do Centro de Estudos Sociais, Sílvia Ferreira, está a ser criado um repositório online e, segundo Kalash, o objetivo é apresentar o arquivo ‘no fim de setembro com todo o conhecimento que está produzido sobre a Baixa de Coimbra, desde a academia a estudos particulares’, ou seja, ‘material que estava disperso’”. In *Público*

Porém, o processo foi um pouco mais demorado. Surgiu então a possibilidade de colaborar com o Departamento de Engenharia Informática (DEI) para dar corpo a essa vontade. A parceria

---

<sup>2</sup> “Uma semana seria muito pouco para o museu temporário de Coimbra”, Camilo Soldado, *Público* (21 de agosto de 2016) in <https://www.publico.pt/2016/08/21/local/noticia/uma-semana-seria-muito-pouco-para-o-museu-temporario-de-coimbra-1741852>

entre o JACC e o DEI concretizou-se através do projeto de Mestrado do aluno Daniel Lopes, na área do Design e Multimédia, para criação de um website que corresponde a uma primeira fase da vida do Arquivo. Ainda em fase *beta*, foi apresentado publicamente no passado dia 30 de agosto (<http://arquivochc.dei.uc.pt>).

A proposta apresentada procurou não só responder à necessidade de criar um espaço para repositório de materiais que possam contar a(s) história(s) do Centro Histórico de Coimbra, como também permitir a manipulação dos dados inseridos para efeitos de criação artística. Foi a partir dessa ideia e da existência de recolhas efetuadas e que dão corpo ao adCHC, que a plataforma foi sendo desenhada, e que determinou alguns dos parâmetros que acabam por ditar a identidade do Arquivo, pensado não apenas como simples repositório, mas como um local onde os conteúdos existem em interação entre si.

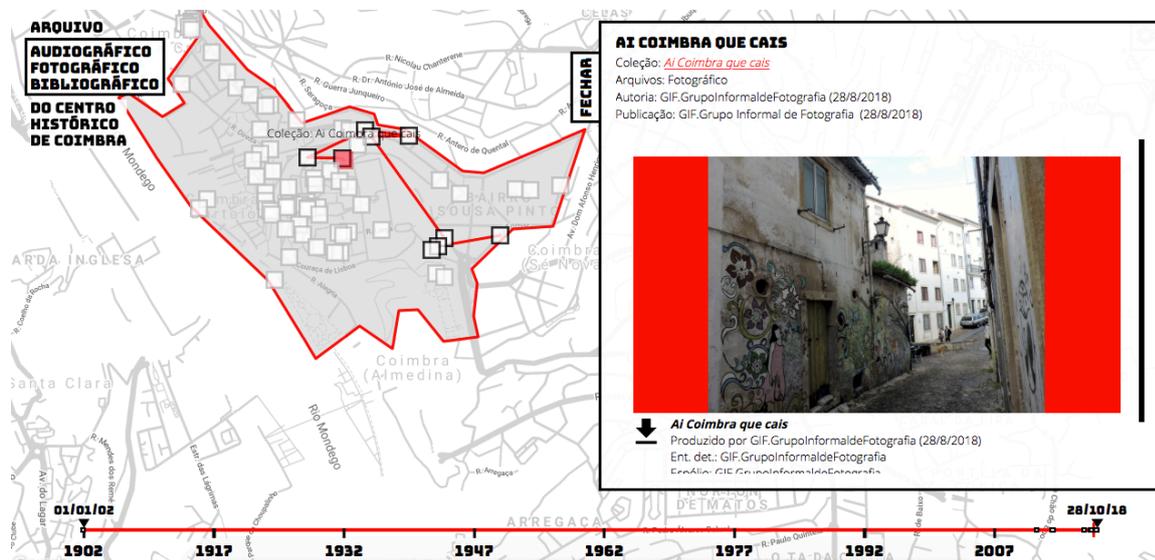


Figura 1 – Exemplo de uma publicação integrada na coleção “Ai Coimbra que Cais”, sinalizada linha vermelha interior que une os quadrados sem transparência

## 8.2 Problematização

O ADChC foi evoluindo ao longo dos últimos meses. Os textos aqui enunciados, produzidos durante a génese do projeto, demonstram essas mudanças. Uma leitura crítica dos mesmos permite compreender não só essa evolução, como também apontar caminhos que permitam descrever da melhor forma possível o adCHC e as suas potencialidades.

“Um dos momentos mais significativos das ações entretanto desenvolvidas foi o projeto Museu Temporário de Memórias, patente num antigo Armazém de Fazendas, no Beco da Rua Velha, entre Junho e Setembro de 2016. Este Museu reuniu num espaço físico algo que desejaríamos transformar numa plataforma digital: a possibilidade de reunir conhecimento sobre o Centro Histórico de Coimbra, a partir não só de fontes - documentos e objetos - que dariam corpo a algo que se assemelhe a um ‘museu virtual’, mas igualmente fomentar a criação artística a partir do material reunido na plataforma e, nesse processo de criação, contribuir com novos conteúdos, bem como possibilitar a participação e o envolvimento comunitário através de participação efetiva para a criação de dados (imagens, testemunhos, produção de artigos, etc.). Interessa igualmente que este Arquivo Digital seja capaz de propor novas formas de conhecer o CHC, desde logo a partir do Arquivo Sonoro do CHC, projeto que o JACC desenvolve atualmente em parceria com o DEI”.

Quanto ao primeiro texto, e desconhecendo o seu contexto, pode ser apresentada uma sugestão. Seria interessante acrescentar mais atividades que demonstrem essa ligação entre o JACC e a comunidade residente, bem como outros coletivos que operam com objetivos sociais similares. Recorde-se o “Chá das 5” (projeto comunitário, que alia a música ao envelhecimento ativo em parceria com o projeto Velhos Amigos da ATLAS) ou o projeto “Há Baixa”<sup>3</sup>, que comprovam o interesse e trabalho do Serviço Educativo do JACC em procurar respostas a problemas de quem habita o centro histórico. Seja na criação ou manutenção de laços sociais que combatam a solidão, passando pela urgente necessidade de pensar que espaço urbano temos e como pretendemos que ele se transforme.

Para além disso, esse primeiro texto expõe a génese da ideia do arquivo, um repositório aberto que teria essencialmente (nesta fase) uma dupla função: não só agregar contributos vários como fonte primária para (re)criações artísticas, como também fomentar o envolvimento

---

<sup>3</sup> “O projeto Há Baixa, que começou em 2015, é desenvolvido por um grupo de estudantes de Arquitetura da UC cujo lema é “experimentar e praticar ajudando”. As premissas deste projeto assentam em quatro pontos fundamentais: i) promover a atividade prática como complemento fundamental do ensino; ii) trabalhar diretamente com a comunidade; iii) o conceito de trabalho em rede; iv) ter a cidade como caso de estudo e foco de atividade. In <https://ppl.com.pt/causas/habaixa-2edicao>

comunitário e, nesse processo, abrir o ato criativo (e, porque não dizer, a própria ideia de "museu digital") a todos os cidadãos.

“O Arquivo Digital do Centro Histórico de Coimbra é recurso online destinado ao estudo, disseminação e dinamização da discussão em torno do Centro Histórico de Coimbra. Através do adCHC pretende-se incorporar documentos eletrónicos de forma aberta, mas controlada, assegurando a sua preservação ao longo do tempo e a sua acessibilidade aos utilizadores. Um documento digital ou eletrónico é informação produzida originalmente em formato digital, formato esse em que é processada e mantida ao longo do seu ciclo de vida. O Arquivo também fará seu objetivo a criação de representações digitais de documentos [textos, imagens, sons, vídeos, software] anteriormente não disponíveis neste formato. Todas as obras e autores presentes no adCHC deverão ser devidamente identificadas, obtendo-se dos seus autores as respetivas autorizações de reprodução/apresentação no Arquivo, e continuando eles a ser os únicos detentores legais dos direitos dessas obras.

Um dos objetivos paralelos do AdCHC é a aproximação da Universidade a questões relativas à vivência urbana, fazendo uso dos recursos do Sistema Científico e Tecnológico para auxiliar à identificação, discussão e preparação de propostas de melhoria das condições de vida das populações residentes e de todos quanto trabalham, visitam e estudam neste território central da cidade e da região. Nesta perspetiva, os parceiros no DARQ, na FEUC e no DEI contribuem para este desígnio, densificando a rede de atores que concorrem para o desenvolvimento inteligente da região.”

Já o texto seguinte enquadra o adCHC numa outra perspetiva. O Arquivo não é apenas um repositório com potencial artístico, mas pode ser tido como uma ferramenta de discussão da própria cidade, de reflexão urbana. Como tal, a tónica está no rigor descritivo do material a inserir, bem como na clara identificação dos autores, para que os conteúdos tenham validade nas discussões/reflexões onde poderão ser utilizados. A Universidade surge como entidade capaz de assegurar esse papel de moderação de conteúdos, justificando assim a sua vocação de centro de saber, bem como de provar a sua capacidade de oferecer esse conhecimento à própria cidade onde está integrada.

“Apresentação da plataforma digital ‘Arquivo Digital do Centro Histórico de Coimbra’, uma parceria entre o Jazz ao Centro Clube, o Departamento de Engenharia Informática e a Faculdade de Economia UC, para reunir conhecimento sobre o Centro Histórico de Coimbra (CHC) - desde logo a partir do Arquivo Sonoro do CHC - mas igualmente fomentar a criação artística com base nos conteúdos reunidos na plataforma, bem como

possibilitar a participação e o envolvimento comunitário através de contributos efetivos para a criação de dados.

A parceria entre o JACC e o DEI concretizou-se através do projeto de Mestrado do aluno Daniel Lopes, na área do Design e Multimédia, para criação de um website que materializa a ideia e se apresenta como o nível 1 desta iniciativa. É o resultado desta investigação que irá ser aqui apresentado.

A colaboração foi alargada à Faculdade de Economia da UC (Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo, Licenciatura e Mestrado em Sociologia) e ao Centro de Estudos Sociais (CES), cujo contributo se traduzirá sobretudo na pesquisa, produção e inserção de conteúdos, através do envolvimento de estudantes de licenciatura e mestrado das áreas referidas (nível 2).

Esta plataforma digital procurará assim constituir-se como um repositório de conhecimento sobre o Centro Histórico de Coimbra, por um lado e enquanto ferramenta de ativação de projetos que criam relações entre a Academia e a Cidade para o desenvolvimento de iniciativas comunitárias, de pensamento crítico e criativo para a Cidadania”. [Anexo II]

Por fim, o terceiro texto, o que divulga a apresentação dentro do “Dar a Ouvir”, projeto desenvolvido pelo JACC em conjunto com o município de Coimbra, parece partir de uma síntese destas visões, bem como da explicação muito sucinta do processo. A divisão por fases (que talvez devesse ter ocorrido em simultâneo) apresenta o adCHC, como um projeto mutável, e os problemas que a sua análise suscitam são na verdade o reflexo do seu potencial, motor para o seu próprio crescimento. O final leva ainda mais longe o que é dito no primeiro parágrafo desse mesmo terceiro texto: a participação comunitária não é apenas via registo/contributo. Há um salto de cidadania, em que o olhar e captura se transformam em ação. Esse poderá ser um objetivo mais polémico, mas certamente é o que parece, deste ponto de vista, mais atrativo e que justifica realmente o tempo investido no projeto.

### 8.3 Memória Descritiva

A minha participação no adCHC surgiu por sugestão do Professor Doutor Paulo Peixoto. Enquanto nas primeiras reuniões fui tentando compreender qual poderia ser o meu papel no projeto, o site foi sendo desenvolvido por um aluno de Design e Multimédia (desenvolvimento que correspondeu ao primeiro nível da iniciativa), que ao definir os parâmetros dos conteúdos a inserir acabou por determinar a forma como poderia desenvolver a categorização dos próprios conteúdos.

Como foi anteriormente enunciado, a segunda fase do projeto correspondeu à pesquisa, produção e inserção de conteúdos, através do envolvimento de estudantes de licenciatura e de mestrado de áreas já referidas. Tendo em conta um olhar em retrospectiva, pode dizer-se que o papel por mim assumido se situou e situa entre esses dois níveis: acompanhar a evolução da plataforma para compreender não só o que explicitamente permite criar, mas também as suas potencialidades.

O diálogo estabelecido teve como objetivo compreender as potencialidades do adCHC. O arquivo surge como uma ferramenta aberta e de contributos livres (ainda que sujeitos a aprovação de quem administrar o site), embora tenha um potencial mais vasto. Uma eventual e desejável continuação do projeto poderia acrescentar conteúdos/ferramentas digitais que promovessem a participação da população local, como questionários online, mas também ser um ponto de partida para debates sobre o próprio espaço urbano. Assim, foi determinado que faria, numa primeira fase, o levantamento de trabalhos académicos cujo teor estivesse ligado à zona delimitada no mapa do Arquivo, classificada como Centro Histórico.

Mas afinal qual é o Centro Histórico de Coimbra? Para efeitos do Arquivo Digital, o critério foi usar a delimitação da Câmara Municipal e acrescentar espaços verdes adjacentes bem como espaços contíguos onde se realizam atividades culturais. Em diálogo com o JACC, alargou-se ainda à zona da Beira-Rio (virado a Coimbra B) e inclui-se a Igreja de Santa Justa, Monumento de Interesse Público incluído na Zona Especial de Proteção “Universidade de Coimbra - Alta e Sofia”.

O primeiro problema coloca-se com definição de critérios para considerar um documento válido para integrar o Arquivo. Pretende-se que exista diversidade e se inclua o máximo de temáticas e abordagens distintas. Definem-se assim três critérios que, limitando os conteúdos a inserir, são relativamente unânimes entre potenciais utilizadores:

- i) Preservação da memória;
- ii) Utilidade social;
- iii) Direta ou indiretamente relacionados com o Centro Histórico de Coimbra.

De seguida, é necessária a caracterização desses materiais. Teses, relatórios, artigos, bem como quais as palavras que definem o próprio arquivo e as *tags* que são anexas aos objetos. Foi debatida com o aluno responsável pelo desenvolvimento do site esse aspeto, apesar de não se ter avançado com uma subdivisão das categorias principais do adCHC (audiográfico; videográfico; fotográfico; bibliográfico). Como explicado anteriormente, e estando a plataforma já estruturada, o que poderia ser definido seriam as categorias dos próprios materiais. Seguiu-se, então, a elaboração de uma lista com materiais que podiam ser inseridos no adCHC. Esses materiais, a título de exemplo, teriam os dados organizados na seguinte forma:

**Título:** Viver a conta-gotas: um estudo sobre a qualidade de vida dos idosos que habitam na zona histórica da cidade de Coimbra

**Autoria:** Margarida Maria Neves de Jesus Simão

**Instituição:** Dissertação de mestrado em Sociologia, apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, sob a orientação de Paulo Peixoto.

**Palavras-Chave:** Sociologia da família; Sociologia urbana; Envelhecimento da população; Coimbra; Qualidade de vida; Política social; Velhice

**Sinopse:** Esta dissertação analisa a qualidade de vida dos idosos residentes na Alta e na Baixa de Coimbra no que respeita às condições de habitabilidade e à utilização de edifícios públicos, à (in)segurança, à vida familiar e às relações de vizinhança e laços de solidariedade, à mobilidade e à relação que mantêm com os espaços exteriores à habitação, aos transportes e às iniciativas de Organizações Públicas ou IPSS que desenvolvem respostas nos Centros de Dia, Centros de Convívio, Lares ou Serviço de Apoio Domiciliário. Procura compreender as motivações que os levam a frequentar (ou não) estes locais. Neste estudo utilizou-se uma metodologia qualitativa, recorrendo a entrevistas semidirectas, privilegiando-se uma abordagem micro. Pretendeu dar-se voz às histórias de vida dos idosos e construir a análise a partir das suas narrativas. O trabalho realizado revela impactes profundos na vida dos idosos e na sua qualidade de vida, essencialmente no que respeita à diferença verificadas entre as zonas da Baixa e da Alta e à substituição dos laços de solidariedade.

**Data:** 15 de julho de 2016

**Disponibilidade:** Disponível em

<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/31845/1/Viver%20a%20conta-gotas.pdf>

Uma categorização próxima daquela que é utilizada nos vários repositórios académicos, embora com dois aspetos a salientar. Por um lado, a preocupação de utilizar conceitos que se aproximem de uma linguagem o mais neutra possível (ex. “autoria” ao invés de “autor”), e de utilizar um termo que sendo preciso – instituição – é suficientemente flexível para poder designar, com rigor, Universidades, Institutos Politécnicos e outras entidades. Por outro lado, uma tentativa de harmonizar as fórmulas de inserção utilizadas, para evitar variações na ordem de nomes e apelidos de autoria entre teses diferentes, por exemplo.

Optou-se por convergir a informação do objeto quando selecionado no adCHC, apresentando um modelo transversal a todos os objetos bibliográficos (académicos) na descrição do objeto, onde se encontra a sinopse e o link para descarga.

Não foi apenas o adCHC que foi evoluindo e redefinido ao longo do tempo. O meu trabalho também foi sendo adaptado em função dos constrangimentos que, naturalmente, surgem com e em projetos desta natureza. Estando ainda a plataforma web em desenvolvimento, e tendo de ter acesso restrito e por vezes indisponível, limitou a inserção de conteúdos e o desenvolvimento de projetos a partir do que existe no site, o que foi sendo reportado.

Os primeiros objetivos lançados para este trabalho assentavam no levantamento de informação documental, teses/dissertações sobre a Baixa, assim como a inventariação do património de natureza imaterial, como eventos e sua georreferenciação, expressões orais e figuras da Baixa, bem como artesãos e atividades típicas. Finalizando com a participação no tratamento dos dados recolhidos no âmbito da realização do adCHC e a posterior elaboração do relatório.

Inicialmente, um dos aspetos discutidos foi a possibilidade de incluir entrevistas com pessoas das zonas históricas, moradores e comerciantes, por exemplo. Com o desenrolar do trabalho e do tempo limitado, perante o desenvolvimento do próprio adCHC, a ênfase do trabalho assentou nas recolhas da informação documental e na participação do próprio arquivo, sobretudo na reflexão de que tipo de materiais podiam ser utilizados e que parcerias efetuar.

Um arquivo, que pretende ser uma plataforma de memória, serve também para pensar o futuro. Perante a dificuldade em encontrar essas figuras tradicionais e procurar fixar aquilo que está a desaparecer na cidade (e que certamente poderá ser desenvolvido). em diálogo com o orientador, foi sugerido escutar aquilo que as pessoas têm para dizer. O que pensam do centro histórico? Como apresentam a cidade? Gostam de Coimbra?

As perguntas eram apenas o catalisador para encontrar múltiplas vozes que constroem imagens da cidade. Escolhendo vários locais que fazem parte da área considerada centro histórico, efetuar pequenas entrevistas contaminadas pelo som do espaço envolvente. Desta forma, o resultado obtido seria um híbrido apropriado à natureza do próprio adCHC. Não só uma descrição temporalmente precisa de uma cidade possível, mas também um postal sonoro do instante. Uma possibilidade das múltiplas cidades que Coimbra em si contém.

Perceber como se percecionam as mudanças da cidade. As expetativas de quem chega. As emoções de quem ficou. Como dialoga a cidade de Coimbra de um turista com aquela imaginada por qualquer estudante? E aquela de quem, tendo nascido e vivido sempre nela, acaba preterido em função de mais um visitante ou de mais um negócio.

Em anexo I encontram-se alguns testemunhos que foram recolhidos. São sínteses dos discursos, de carácter fragmentário, que possibilitam (re)imaginar o momento, e construir coletivamente imagens da cidade, falando cada um deles um pouco da (sua) cidade de Coimbra.

Deixo aqui apenas duas nuvens de palavras, para uma pequena comparação entre os discursos dos visitantes e de quem vive na cidade:





## 8.4 *Work in Progress*

O trabalho não está concluído e, em rigor, nunca estará. Um arquivo é um repositório aberto ao contributo de todas as pessoas e instituições que estiverem interessadas. Surgiram várias ideias e propostas de colaboração, que devem ser referidas para a continuidade do projeto.

Ao tornar público o acesso ao adCHC, iniciou-se uma nova fase deste projeto, mais colaborativa. O potencial é enorme, o próprio Arquivo nasce com essa matriz interdisciplinar, materializando-se numa plataforma destinada a diferentes utilizadores, cujo denominador comum é o interesse numa temática que envolve a cidade de Coimbra. O uso que aqui se criou, por exemplo, foi agregar material académico, bem como a produção de conteúdos que permitam ouvir a cidade pela voz de outrem.

Pode também servir para determinar a evolução de um determinado ponto do Centro Histórico. Por exemplo, criar uma coleção que juntasse elementos relacionados com a Via Central, integrando os vários projetos que foram sendo apresentados, notícias, fotografias, vídeos, o que permitiria não só uma análise histórica de um processo (ainda) em curso, ou a constituição de um estudo de caso para urbanistas e geógrafos, mas também tornaria o processo mais transparente e democrático. Tendo acesso fácil, rápido e intuitivo a dados de assuntos que estão a ser debatidos, o exercício da cidadania sairia beneficiado.

“A ampla difusão das tecnologias de informação e comunicação (TICs) e o rápido desenvolvimento de tecnologias colaborativas, assim como de abordagens comportamentais relacionadas, abriram um novo espectro de possibilidades, não só por permitir que um grande número de pessoas possa participar de processos de grande escala – por exemplo, iniciativas de legislação popular em nível nacional –, mas também interconectando diferentes níveis de participação, criando, assim, relações entre processos já existentes e fomentando a criação de coligações capazes de crescer, mantendo a complexidade e diversidade originais” (Allegretti et al., 2016: 217)

Este exemplo serve para responder a algumas questões que motivaram este trabalho e que foram surgindo ao longo do processo. O adCHC é uma forma de aproximar a Universidade e a Sociedade, bem como de utilizar o conhecimento como forma de empoderamento da cidadania, ou de visualizar como este pode ser útil à cidade. E, em suma, democratizar os processos de regeneração urbana.

As demolições da Velha Alta deram origem a toda uma nova (re)configuração da Cidade Universitária. Basta uma fotografia, contextualizada, revelando os “Arcos” completos e um D.

Dinis ausente, para nos revelar uma outra cidade. Reconstrói-se assim uma memória coletiva anterior, soterrada pelo urbanismo fascista. Resgatam-se as múltiplas narrativas que retratam a cidade, intervindo contra o esquecimento.

As histórias são importantes para o adCHC. O Centro de Documentação 25 de Abril (CD25A) colaborou com materiais de ordem bibliográfica/arquivo bem como de publicações periódicas (recortes e audiovisuais) que poderão ser úteis ao projeto. E a ideia é continuar a promover essa sinergia. Neste momento vão ser disponibilizadas as Digitalizações Manuel Figueiredo, que incluem gravações do Concurso de Mandadores na Praça Velha (década de 70), do Grupo de Cordas e Cantares do Ateneu de Coimbra (1974/75) e um programa gravado em 1970 sobre “como seriam as fogueiras em 1900 em Coimbra” (Anexo IV).

Procura-se assim dessa forma cumprir um dos objetivos do Arquivo, preservando património de natureza imaterial. Ainda nesse âmbito, pode ser desenvolvida mais investigação, com a recolha de expressões orais, celebrações e outras manifestações culturais das zonas integradas no Centro Histórico de Coimbra.

Para além disso, o CD25A pode estabelecer uma ponte com os doadores dos próprios arquivos, permitindo não só o acesso aos materiais, mas também à história pessoal que se cruza com a própria história da cidade. Esse contributo será certamente enriquecedor para o projeto, permitindo simultaneamente olhares micro e macro sobre a(s) história(s) da cidade.

O encontro com o CD25A permitiu também compreender que a presença dos agentes culturais na Baixa não se resume apenas ao Salão Brazil. Basta imaginar que o Rancho de Coimbra ainda se encontra ativo, sem esquecer o Ateneu, na Alta, e os grupos musicais ligados à Associação Académica de Coimbra. Ao longo do tempo foram também coexistindo várias entidades como a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT) ou o Grémio Operário. Uma análise comparativa entre a produção musical “académica vs fútrica” também seria uma hipótese, a partir desses materiais que podem integrar o adCHC.

O arquivo pode ainda ter essa função de repositório de atividades culturais. Basta recordar o enunciado Museu Temporário de Memórias, imaginado a partir dos Arquivos de Aurélio “Camiseiro”. Integrar parte desse espólio no adCHC seria manter as portas abertas para sempre, virtualmente.

Uma das vertentes principais do adCHC é a centralização num só espaço virtual de vários arquivos/materiais dispersos. Essa é sem dúvida uma mais valia que pode permitir recuperar materiais ou outros projetos que já se extinguiram ou estão apenas adormecidos. Os materiais da

Associação RUAS (cuja listagem de trabalhos académicos serviu de ponto de partida para esta recolha), do Projecto R (arquivo das Repúblicas de Coimbra) ou do Projeto REALidades (iniciativa que pretendeu fomentar o contacto e a proximidade entre jovens universitários e pessoas idosas residentes na Alta de Coimbra), todos eles têm espaço no adCHC.

Um projeto com estes objetivos, e que está dependente dos utilizadores que descubram novas potencialidades pelo uso da própria plataforma, comporta alguns riscos. Ainda não estando totalmente desenvolvida, pode limitar a inserção de conteúdos e o desenvolvimento de projetos a partir do que existe no site. Apesar disso, seria exagerado considerar como ameaças, devendo antes ser encaradas como desafios que têm respostas relativamente simples.

A apresentação da plataforma foi bem-sucedida, tendo tido impacto em meios de comunicação social de alcance local e nacional (Anexo II). E existindo recursos humanos dedicados ao arquivo, bem como outros estudantes que possam continuar a trabalhar com base no mesmo, há contactos estabelecidos que podem fornecer bastante material para ser disponibilizado. No entanto, talvez seja necessária mais divulgação online, em particular nos grupos informais, em blogs e redes sociais dedicados à partilha de arquivos pessoais, que estarão certamente interessados em poder colaborar.

Uma vez que ainda se apresenta como uma versão *beta*, o adCHC pode ainda apresentar algumas falhas, e arrisca ainda poder sofrer alterações. Os testes efetuados permitiram já algumas correções, bem como detetar alguns aspetos funcionais que podem ser melhorados. O próprio endereço e servidor não são autónomos, estando ainda associados ao DEI.

A possibilidade de editar publicações ou acrescentar o mesmo objeto a múltiplas coleções são hipóteses que terão de ser desenvolvidas. A programação do site não está fechada, e por isso recomenda-se que o Arquivo tenha uma equipa que possa assegurar não só as funções de *backoffice*, mas também de contínuo desenvolvimento e melhoria da plataforma.

O processo de construção do Arquivo Digital abriu um caminho que deve continuar a ser percorrido, com ideias que podem ser implementadas. Entre as várias sugestões, foi referida a possibilidade de efetuar convite a grupos para que possam fazer curadoria de uma ou mais coleções. O Grupo Informal de Fotografia, coletivo surgido no âmbito da Escola Informal de Fotografia<sup>4</sup>,

---

<sup>4</sup> A EIF | Escola Informal de Fotografia é um projeto formativo da responsabilidade da fotógrafa Susana Paiva, com produção executiva da plataforma THE PORTFOLIO PROJECT. Tendo por base o projeto piloto da ESCOLA INFORMAL DE FOTOGRAFIA DO ESPECTÁCULO, desenvolvido entre Setembro 2012 e Julho 2013, em Coimbra, a EIF projetou duas novas ações, a decorrer entre Fevereiro e Julho 2014, paralela e independentemente, nas cidades de Coimbra e do Porto.

colaborou dessa forma, disponibilizando a coleção “Ai Coimbra que Cais”, originalmente concebida no âmbito da XXª Semana Cultural da UC.

Mas as hipóteses não ficam por aí. Certamente que o convite poderá ser estendido a profissionais de diferentes áreas, científicas, sociais ou artísticas, para conceberem coleções de vários elementos do Arquivo Digital. Essa curadoria teria assim a capacidade de revelar as várias “Coimbras” que podem ser imaginadas a partir das escolhas efetuadas. E assim se justifica a preservação dos centros históricos, em formato digital, porque se vão inexoravelmente transformando a cada momento.

Como referido anteriormente, o adCHC pretende ser um espaço de participação cívica, e de promoção do uso inclusivo e democrático das TIC. O alcance potencial deste tipo de projeto é enorme. Pode-se referir, a título de exemplo, a existência de pelo menos dois grupos no Facebook cujos membros seriam utilizadores assíduos deste tipo de plataformas. “Coimbra antiga, Coimbra moderna” reúne, à data, 6858 membros. Um outro grupo, “coimbra antiga”, apresenta um número ainda superior: 22377 membros. Uma pesquisa rápida permite compreender esse potencial, já que uma partilha de uma foto antiga suscita lembranças de pessoas ou hábitos que se foram transformando com a cidade.

Todas as faixas etárias têm certamente interesse na utilização deste tipo de plataformas. mas há um grupo em particular que poderá ser certamente uma mais valia. O projeto “SOMA – Sons e Memórias de Aveiro”, ligado à Universidade de Aveiro, prevê a criação de um arquivo construído e partilhado com a comunidade, numa lógica próxima àquela que originou o Arquivo Sonoro do JACC<sup>5</sup>. Este projeto decidiu integrar na equipa de investigadores cidadãos aposentados. Tendo sido abertas duas vagas, foram apresentadas 14 candidaturas. Há uma clara curiosidade e empenho por parte deste grupo social (aposentados/reformados) neste tipo de atividades que lhes permite sentirem-se valorizados e capazes de contribuir socialmente. A isso não estará alheia também a consideração de serem “verdadeiros bolseiros, [qu]e receberão um subsídio mensal de 565 euros” (Público). Ou seja, para além de sentirem que as suas memórias e vivências poderão ganhar um maior alcance e transformarem-se numa memória coletiva, esse ato foge ainda à norma do voluntarismo *pro bono* fomentado em todos os níveis da nossa sociedade (e que começa precisamente nas Universidades).

---

<sup>5</sup> “Universidade de Aveiro vai recolher os sons e as recordações da região”, Maria José Santana, Público (23 de novembro de 2018) in <https://www.publico.pt/2018/11/23/local/noticia/universidade-aveiro-vai-recolher-sons-cidade-1852054>

O SOMA apresenta algumas pistas para uma evolução positiva deste tipo de projetos: a criação de um futuro laboratório vivo no centro da cidade, o estabelecimento de parcerias de âmbito regional, com parceiros públicos e privados ou até uma planificação alargada para um desenvolvimento consistente do projeto de arquivo. Mas acima de tudo aposta na valorização de todos aqueles que colaboram num projeto que só (sobre)viverá do esforço coletivo.

---

## 9. Conclusão

---

A inscrição da Universidade de Coimbra - Alta e Sofia na Lista de Património Mundial da UNESCO colocou a cidade num novo patamar turístico. As ruas enchem-se de gente, mas são turistas que maioritariamente passam um ou dois dias na cidade. E tal como noutras cidades, os centros históricos perdem moradores, substituídos por novas unidades de alojamento local. Criam-se projetos de renovação urbana, precisamente embebidos na lógica de um espaço público melhorado, que mais não é a expulsão das franjas sociais mais marginalizadas. Abrem-se novas vias centrais, destroem-se as ruelas, perpetuando modelos urbanos que tanto remetem a Georges-Eugène Haussmann como à destruição da Alta em meados do século XX.

“Os ‘centros históricos’ reabilitados estão, em maior ou menor grau, a converter-se em palcos de sociabilidades espetacularizadas e de encenação da vida quotidiana, constituindo-se como uma espécie de nova realidade alegórica das cidades. Alegoria esta que se manifesta de forma tripartida. Por um lado, os ‘centros históricos’ são cada vez mais apresentados como a expressão concreta de uma ideia de espaço público que permite que a cidade seja imaginada e transformada a partir do seu passado. Assim, sob forma figurada da imbricação entre consumo e lazer, os ‘centros históricos’ são uma alegoria desse espaço público, supostamente perdido que urge recuperar (Peixoto, Paulo; 2003: 212)”.

Estará a zona classificada, particularmente a UC, em risco de se tornar uma caricatura de si mesma? Quais as medidas que poderão ser tomadas para evitar esse caminho? Como evitar que um Centro Histórico se torne apenas um *boulevard* turístico, memorial de uma cidade que já desapareceu? O que está a ser feito? Não compete aqui propor respostas, apenas levantar questões que suscitem a ação.

Procurando contrariar a tendência de pensar a cidade apenas para quem a visita, o JACC tem vindo a desenvolver um trabalho de reflexão e de aproximação à comunidade residente, com o objetivo de contribuir para a valorização e para a transformação criativa, social e urbana do Centro Histórico de Coimbra. Assim, procura desafiar a comunidade a participar na (re)construção de uma memória coletiva da cidade.

A título individual, foi não só um prazer científico, mas também pessoal poder colaborar no início da plataforma colaborativa. Nesta que foi uma primeira participação percursora da Sociologia no projeto, fica o convite para a participação de outros estudantes no futuro. De licenciatura, por exemplo, efetuando mais recolhas, ou utilizando os vários documentos disponíveis na plataforma para as suas próprias investigações e análises. Neste trabalho foi feita uma

delimitação do campo de trabalho, e procurou-se também mostrar as potencialidades desta plataforma que pode ser utilizada também por estudantes de outras disciplinas. Tudo em função do material que for sendo acrescentado e disponibilizado.

O adCHC tem na sua génese a vontade de fomentar o envolvimento comunitário. O compromisso estabelecido é que o repositório não é um fim em si mesmo, mas um meio de pensar e (re)conhecer a própria cidade, alimentando história(s) comum(ns), para melhor participar social e politicamente. Um projeto como o adCHC enquadra-se numa interpretação do arquivo como espaço de memórias sociais – e da sua preservação. Nesse sentido, não será arriscado dizer que servirá então das memórias afetivas em relação à cidade.

Pode então o adCHC ser um instrumento de capacitação pessoal e da sociedade? Acredito que tem essa potencialidade e que é certamente um instrumento capaz de criar o ponto de partida para conversas, debates, performances, conferências ou qualquer atividade que confronte cada um de nós com os múltiplos reflexos da cidade. Tendo acesso fácil, rápido e intuitivo a dados de assuntos que estão a ser debatidos, o exercício da cidadania sairia beneficiado. A partilha e disseminação de informação, provenientes de fontes fidedignas, torna os processos mais participados e mais transparentes, aumentando o seu carácter democrático, como refere o seguinte comentário:

“Uma compreensão ampliada de democracia electrónica possibilita a concepção de que não são só os governos que podem ser seus agentes, mas também os indivíduos e as organizações da sociedade. **Se, por um lado, os governos podem utilizar as TIC como meio de aumentar a participação e legitimar decisões, a sociedade pode utilizá-las como meio de acesso a informações relevantes para a sua organização política e para a mobilização em torno de questões que considera relevantes** [sublinhado meu]. Por outro lado, o uso das tecnologias pelos governos pode fortalecer a tecnocracia especializada nos sistemas de informação (ou *infocracia*), que pode ganhar peso e independência em relação ao próprio governo (Hacker e Djik, 2000).” (Allegretti, Giovanni; Cunha, Eleonora Schettini M.; Matias, Marisa; 2010: 184)

Há um outro aspeto muito relevante e que tem de ser aqui descrito. A cidade de Coimbra atravessa neste momento um período bastante particular, tal como o resto do país. O aumento do turismo, sobretudo internacional, acentua problemas que têm vindo a ser descritos ao longo dos últimos anos. Uma realidade que é semelhante a muitas outras cidades portuguesas, locais onde as políticas urbanas existentes têm como consequência acelerar um processo que apenas eufemisticamente pode ser designado como renovação urbana.

As narrativas da Coimbra despertadas pela memória podem criar ou favorecer a ligação entre os indivíduos e a cidade, tendo como efeito positivo a ajuda no próprio repovoamento dos centros históricos envelhecidos. O ato de escolher uma casa onde morar tem uma forte componente emocional, que deve ser tida em conta nas narrativas oficiais daqueles que pretendem transmitir uma imagem apelativa da cidade. E, para isso, as memórias que “criam” o património histórico poderão também contribuir para o desenvolvimento de novos afetos relativamente a Coimbra.

O Arquivo, como plataforma de transmissão de conhecimento, é capaz de nos conduzir a lições que nos podem tornar mais conscientes das decisões que devem ser tomadas no presente, para construir a cidade a que verdadeiramente temos direito: a cidade que queremos.

“The question of what kind of city we want cannot be divorced from that of what kind of social ties, relationship to nature, lifestyles, technologies and aesthetic values we desire. The right to the city is far more than the individual liberty to access urban resources: it is a right to change ourselves by changing the city. It is, moreover, a common rather than an individual right since this transformation inevitably depends upon the exercise of a collective power to reshape the processes of urbanization. The freedom to make and remake our cities and ourselves is, I want to argue, one of the most precious yet most neglected of our human rights.” (Harvey, David. 2008)

## 10. Referências bibliográficas

---

ALLEGRETTI, GIOVANNI; CUNHA, ELEONORA SCHETTINI M.; MATIAS, MARISA (2010) “Orçamentos Participativos e o recurso a tecnologias de informação e comunicação: Uma relação virtuosa?”. *Revista Crítica de Ciências Sociais* 91: pp. 169-188.

ALLEGRETTI, GIOVANNI; SECCHI, MICHELANGELO; TANG, AUDREY (2016), “Escalas híbridas de engajamento social: como a integração de tecnologias pode ampliar os processos participativos?”, in Renato Balbim (org.), *Geopolítica das cidades: velhos desafios, novos problemas*. Brasília: IPEA, pp. 213-246

AUGUSTO, CARLOS ALBERTO (2014) *Sons e silêncios da paisagem sonora portuguesa Lisboa*: Fundação Francisco Manuel dos Santos

BARRETO, CRISTINA BARROS (2008), “Arquivos de Cultura Contemporânea: uma experiência de pesquisa e documentação”, in António José Barbosa de Oliveira (org.), *Universidade e Lugares de Memória*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fórum de Ciência e Cultura, Sistema de Bibliotecas e Informação, pp. 291-302

BARRETO, ROGÉRIO (2010). “O centro e a centralidade urbana: Aproximações teóricas de um espaço em mutação”. *Cadernos Curso de Doutorado Em Geografia, FLUP*.

CASALEIRO, PAULA; QUINTELA, PEDRO (2008) – “As paisagens sonoras dos Centros Históricos de Coimbra e do Porto: um exercício de escuta”. *Atas do VI Congresso Português de Sociologia “Mundos Sociais: Saberes e Práticas”*.

CASTELLS, MANUEL. (2000), 4ª ed. *A Questão Urbana*. Ed. Paz e Terra. São Paulo.

COELHO, Ilanil; SOSSAI, Fernando Cesar (2016). Aproximações entre história pública e história oral: o caso do Laboratório de História Oral da Univille. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 8, n. 19, pp. 96 - 129. set./dez.

DOMINGUES, ÁLVARO (2018) “Cidade: metamorfoses do centro”. *Electra*, nº1

FERREIRA, CAROLINA (2007) “Coimbra aos pedaços. Uma abordagem ao espaço urbano da cidade” Prova Final de Licenciatura em Arquitetura pelo Departamento da FCTUC

FORTUNA, CARLOS; GOMES, CARINA (2010), “Sobre o uso estratégico da imagem centenária da Universidade de Coimbra”. *Tomo*, 16: pp. 16-27.

FORTUNA, CARLOS; GOMES, CARINA; FERREIRA, CLAUDINO; ABREU, PAULA; PEIXOTO, PAULO (2012) *A cidade e o turismo - dinâmicas e desafios do turismo urbano em Coimbra*. Coimbra: Edições Almedina.

GALRÃO, INÊS (2013) “Diálogo entre Memória e Contemporaneidade” Dissertação/Projeto para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura de Interiores apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa

HARVEY, DAVID (2008), “The Right to the City”. *New Left Review*, 53: pp. 23-40.

OLIVEIRA, ANTONIO JOSE BARBOSA (2008), História, memória e instituições: algumas reflexões teórico-metodológicas para os trabalhos do Projeto Memória - SiBI/UFRJ, in António José Barbosa de Oliveira (org.), *Universidade e Lugares de Memória*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fórum de Ciência e Cultura, Sistema de Bibliotecas e Informação, pp. 41-61

PEIXOTO, PAULO (1997), *L'économie symbolique du patrimoine: le cas d'Évora*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, Oficina do CES nº 100, DOI 10.13140/RG.2.2.26189.23528

PEIXOTO, PAULO (2003), “Centros históricos e sustentabilidade cultural das cidades”, *Sociologia* 13: pp. 211-226.

PEIXOTO, PAULO (2008), “Liftings, peelings e outras plásticas. As cidades antigas querem parecer novas?” In *Cidade e Território. Identidades, urbanismos e dinâmicas transfronteiriças*, editado por Domingos Vaz. ed 1, 73-86. Oeiras: Celta Editora.

PINTO, DIANA DE SOUZA (2008), Memória, Discursos e Instituições, in António José Barbosa de Oliveira (org.), *Universidade e Lugares de Memória*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fórum de Ciência e Cultura, Sistema de Bibliotecas e Informação, pp. 63-79

RIBEIRO, CATARINA (2013) “Sonoridades Urbanas: A Cidade da audição. Construção de um arquivo sonoro de Coimbra” Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada à FEUC

## **ANEXOS**

---

## Anexo I

### **Síntese dos testemunhos recolhidos no Centro Histórico de Coimbra**

#### **#1 Homem, 25 anos, Empregado**

**Encontra-se na Praça 8 de maio.** Joga Pokémon GO, numa cidade que considera pacata; o que o chama a atenção é o elevado número de estrangeiros. Afirma que a cidade tem coisas bonitas para oferecer, monumentos históricos em diferentes estados de preservação. Corrobora com a ideia que a classificação da UNESCO impulsionou o turismo, destacando a Universidade que é um marco histórico.

#### **#2 Homem, 18 anos, Empregado numa loja Vintage**

**Trabalha numa loja vintage durante o verão, na Rua Ferreira Borges.** Foca o seu discurso na vertente comercial, o que justificou a expansão do negócio. Refere o movimento da rua, e a localização estratégica junto ao café como fator que potencia o lucro. O turismo tem impacto positivo nas vendas. A escolha da cidade, segundo o homem, é justificada pela sua beleza, os seus monumentos e por ser a “cidade dos estudantes”.

#### **#3 Homem & mulher, 55 e 59, Casal de turistas suíços**

Primeira visita a Coimbra, após passagem por Lisboa. **Chegaram nessa tarde à cidade, e na praça 8 de maio** confessam que a primeira impressão que tiveram foi que estavam numa cidade velha, muito velha, e histórica. Como se tivesse fora do tempo. Planeiam ficar duas noites, e continuar a viagem por Portugal.

#### **#4 Mulher, 70 anos, professora aposentada (brasileira)**

Primeira vez que está em Coimbra, decidiu visitar a Universidade que sempre a “chamou”. Teve uma primeira impressão bastante positiva, gostou do estilo antigo, das construções, do encanto das ruas bem estreitas [**Rua dos Coutinhos**] que contrastam com o Brasil, muito largo e grande. Vai ficar apenas um dia, seguindo viagem para Óbidos e Lisboa. Se voltar a Coimbra, tenciona ficar mais tempo. Não sabe se a classificação da UNESCO teve consequências nas visitas, pois ela não teve isso em consideração: veio por causa da Universidade, para a conhecer.

#### **#5 Homem, 61 anos, professor universitário e Mulher, 56 anos, aposentada (brasileiros)**

1ª vez que estão em Coimbra. Vão passar dois dias na cidade. **O casal encontra-se no Café Sé Velha, no cimo do Quebra-Costas.** Uma primeira impressão positiva da cidade, embora tenham algumas dificuldades em circular com carro nas ruas estreitas da Alta, assim como em encontrar estacionamento. Nada que os impeça de classificar a cidade como maravilhosa. A visita integra um roteiro para conhecer o país. Têm como objetivo vir morar em Portugal. Pensaram em Braga, mas Coimbra surge como hipótese mais convidativa, assim como Óbidos. Elogiam todos os

lugares por onde têm passado, o que lhes traz dificuldades em decidir onde ficar. E agradecem aos portugueses a forma como estão a ser acolhidos e tratados durante a viagem.

#### **#6 Mulher, Militar reformada (brasileira)**

**Sentada no Café Sé velha, confessa que tenciona viver em Portugal** porque o bisavô era português. Aponta uma identidade linguística e a proximidade com outros países europeus. Apesar de já viver na Figueira da Foz, vê Coimbra como possibilidade porque é uma cidade tranquila e ao mesmo tempo com grande oferta cultural, com museus muito bonitos e o Rio Mondego. Assustou-se com a quantidade de casas amontoadas na cidade, na parte antiga. Mas já encontrou o “verde” que procurava, no Jardim Botânico, e sabe que há outras regiões da cidade para satisfazer essa necessidade. Ainda assim, confessa que há locais mais abandonados, destacando o Jardim da Sereia, que a dececionou. Um espaço com um potencial incrível e que merece um cuidado maior de limpeza, contrastando com um exemplo do Parque Municipal de Cascais, que visitou, muito bem cuidado.

#### **#7 Mulher, 37 anos, Assistente Operacional dos SASUC**

**Trabalha na FLUC.** A Universidade, considerada Património Mundial pela UNESCO, é para ela o principal motivo que conduz os turistas a Coimbra, bem como a zona histórica. É dos arredores de Coimbra, gosta de viver, embora não goste da frieza das pessoas da cidade, cada uma no seu mundo. Mas considera que é uma boa cidade para as visitas, e recomendaria a Universidade como local obrigatório, ponto de referência de Coimbra.

#### **#8 Homem, 32 anos, Professor na FLUC**

Apesar de ter nascido em Coimbra, só regressou à cidade há 14 anos ao ingressar no ensino superior. **Junto à Porta Férrea**, opina: a cidade não tem evoluído muito. Tem um problema, sobretudo depois do encerramento da indústria, que é depender bastante da Universidade e do Hospital. Parece-lhe que os diferentes pontos da cidade se começam a transformar em pontos de diversão, sobretudo noturna, e numa lógica muito estandardizada. Ainda assim, assegura que existe alguma resistência, muito motivada por estudantes, do desenvolvimento de iniciativas alternativas, de promoção de iniciativas culturais que de alguma forma contrariam a tendência de uniformização. Quanto à passagem a Património da UNESCO, pensa que teve reflexo na alteração do turismo. Coimbra vivia muito desta lógica do turismo de autocarros que paravam na Alta, onde as excursões seguiam o percurso de descer até à Baixa e depois iam-se embora. Já não há uma dimensão única de turistas, e para ele isso nota-se na própria cidade, nos restaurantes e no restante comércio que vai abrindo. Embora numa lógica que traz riscos, com espaços formatados para uma lógica industrial do turismo. Para o professor de 32 anos, a principal imagem que as pessoas têm de Coimbra é Universidade. E quando os turistas vêm perguntar ‘qual é o centro da cidade?’, responde que em Coimbra é um pouco difícil de definir esse centro. Mas remata que, sem dúvida, a marca é a Universidade.

**#9 Mulher, Empregada doméstica, 63 anos**

**Vive nos arredores da Coimbra e trabalha na FDUC há 13 anos.** Gosta de trabalhar aí, e considera a cidade bonita. A classificação de Património da Humanidade teve grande impacto, com maior presença de turistas. Não só na UC, também o Portugal dos Pequenitos; para ela há muita coisa digna de ser vista.

**#10 Homem, 23 anos, Músico**

Acabou a Pós-Graduação, e **dirige-se para uma reunião na Baixa**, pois está a começar uma agência juntamente com outros dois músicos. Para ele, que vive em Coimbra desde criança, é uma cidade muito monótona. Dependendo da idade, recomendaria diferentes propostas para quem nunca esteve na cidade. Para alguém da sua faixa etária, aconselharia as noites académicas de Coimbra, mas nunca os sítios para onde a maioria das pessoas vai. Não gosta que a maior parte de pessoas que conhece deem muito mais importância a noites de bebedeira do que a cultura. Quando, acredita, podem ter os dois exatamente ao mesmo tempo. Porém, por ser uma cidade pequena, muito segura, é perfeita para criar um filho. É fácil de circular, para quem não tem carro, onde é possível ir para qualquer lado em meia hora, 45 minutos no máximo, a pé. O músico concorda que classificação de Património Mundial teve impacto no turismo, pois cada vez vê mais gente a visitar Coimbra – embora acredite que esse aumento não seja apenas um fenómeno limitado, mas nacional.

**#11 Homem, Agente da PSP, 54 anos.**

Trabalha na cidade há cerca de 30 anos. Pensa que a cidade nos últimos anos está mais arranjada e tem melhores condições a nível cultural. Ainda assim, pensa que o centro histórico não tem evoluído muito. Os anos tiram a vivacidade ao pequeno comércio, cada vez mais fechado, isolado. As grandes superfícies acabam por ter o domínio. **E a Baixa da cidade fica mais deserta.** Com a classificação da UNESCO a divulgação é maior, aumenta a curiosidade das pessoas e isso chama mais visitantes à cidade. O turismo aumenta sempre pelo facto de se ter tido essa classificação, assegura. O grande ponto positivo de Coimbra é, para este agente, a Universidade. Os pontos negativos que ameaçam a cidade são algumas zonas críticas, com situações de toxicodependência que deviam ser limitadas ao mínimo, para que a cidade tivesse um pouco mais de segurança. Apesar disso, considera que a cidade é segura, e confrontado com a renovação do Terreiro da Erva, exemplo próximo de “zona crítica”, atesta essa dinâmica melhorou.

**#12 Mulher, 25 anos, produtora cultural na cidade**

**Considera que o Jardim da Sereia é um dos espaços menos bem aproveitados da cidade.** Apesar de algum dinamismo cultural, ainda que esporádico. Justifica o abandono a que é vetado à visão deturpada das gentes de Coimbra sobre o espaço. A maioria das pessoas que tem uma ideia errada do Jardim da Sereia nunca perderam uma tarde que fosse a andar aqui por estes espaços, esclarece. E recorda quando veio estudar para Coimbra, um dos sítios onde pais disseram

para não ir à noite era o Jardim da Sereia porque era extremamente mal frequentado. Apesar de, garante, nunca se ter sentido minimamente agredida ou medrosa nesse espaço; grande parte das pessoas que andam no Jardim da Sereia são turistas.

**#13 Homem, 57 anos, assistente de operador**

Nasceu em Coimbra, já viveu em Lisboa, mas vive atualmente em Coimbra. **Considera que o Jardim da Sereia, onde se encontra, já foi “mais fixe”, que lhe tiraram muito verde.** Acredita que é difícil aproveitar e recuperar o espaço de outra forma, que há outras zonas verdes também com esse desinvestimento. O turismo privilegia outros espaços, UC, Portugal dos Pequenitos, a descida da Sé Velha e Arco de Almedina... e a Câmara procura investir mais aí. Ainda assim, destaca uma maior abertura da cidade, que refere estar melhor. A cidade está mais apelativa, e podem ser apontadas necessidades em falta em todas as cidades. A classificação da UNESCO ajudou a divulgar a cidade para quem é de fora, e quem vem sai satisfeito; embora Coimbra não apresente atrativos para estar mais de um dia (algo que aponta estar a ser corrigido).

**#14 Homem, 23 anos, estudante em Coimbra há seis anos**

**Homem que se encontra trajado a vender postais na Rua Larga.** Caracteriza a cidade como “cidade dos estudantes” e é assim que a apresenta a quem não a conhece. Considera a Universidade o motor da cidade, mais vazia no período em que não há aulas. Mas a cidade acaba por se revelar mais que isso, pois confessa que o que verdadeiramente o marca em Coimbra são as relações pessoais, a amizade que se cria e o espírito académico.

**#15 71 anos, Reformada**

Cabeleireira reformada de Setúbal, sentada numa sombra junto à **Igreja de Santa Cruz**, visita novamente a cidade, desta vez com os netos que queriam conhecer Coimbra. Considera que está mais moderna, diferente, embora a parte velha esteja mais ou menos na mesma. As pessoas são cativadas por monumentos como O Portugal dos Pequenitos, a Sé, a Universidade e a Igreja de Santa Clara [sic]. Revela que o que a trouxe foi a visita ao Portugal dos Pequenitos, com os netos. Mas continuou a fazer mais visitas pelos monumentos, confessando gostar muito da parte da Universidade. E que para se ver tudo “bem, bem” são precisos três, quatro dias.

**#16 Professora de Biologia do Ensino Secundário, 53 anos, turista espanhola**

Uma mulher de 53 anos pede para tirar uma foto nas **Escadas de São Tiago**. É a segunda vez que a professora de biologia está em Coimbra. Não se recorda da cidade estar diferente. Admite gostar das casas, tão diferentes da sua cidade, os edifícios e os estilos arquitetónicos. Gosta muito de Coimbra, talvez porque naquele momento não há muitos estudantes. Uma cidade muito sossegada. Nem ela nem a sua companhia sabiam da classificação de Património da Humanidade,

mas o guia que acompanhava uma das visitas fez questão de o revelar. Concordam com decisão da UNESCO.

**#17 57 anos, Técnica de Radiologia desempregada**

Por motivos familiares encontra-se em Coimbra. A mulher, de 57 anos, Técnica de Radiologia atualmente desempregada, confessa que o centro histórico precisava de uma “remodelaçãozinha”. Apercebe-se que há algumas mudanças, mas como chegou há pouco tempo ainda não deu para ver bem. Acredita que o centro histórico vai ficar melhor. A classificação da UNESCO dá melhor visibilidade, e traz mais pessoas. Não responde se os turistas gostam de cá vir. Ela gosta; de ver as Igrejas, o Quebras Costas, a zona da **Praça do Comércio, onde se encontra**, mais visível e que é do conhecimento geral. E as “ruínas” que a gente tem de andar e descobrir.

**#18 19 anos, estudante**

Natural de Coimbra, tem uma imagem positiva e gosta muito da cidade. Mais fechada no verão, “porque é só turistas”. Para ela, são os estudantes que alimentam a cidade e a tornam “mais engraçada”. A classificação da UNESCO aumentou a procura da cidade. Mas mesmo assim, não sabe até que ponto houve uma grande diferença em relação ao passado. O que atrai mais os turistas é mesmo a história e a cidade em si. Acredita que a cidade está lentamente a melhorar. Ainda assim, uma crítica: **a Baixa merecia mais atenção.**

**#19 25 anos, empregada de balcão**

Não gosta de morar na cidade. Apesar de ter nascido e crescido em Coimbra, a mulher de 25 anos que agora **descansa num banco na Praça do Comércio** continua a não gostar das pessoas, que é totalmente diferente de outras cidades. Queixa-se de falta de atividades, de mais eventos para os jovens, de mais espaços. Empregada de balcão no Alma Shopping, queixa-se de falta de segurança. Para ser mais agradável, refere que devia haver menos racismo e preconceito na cidade. A classificação da UNESCO trouxe muito mais turismo, atraídos pela Universidade de Coimbra, os mosteiros, a Sé Velha e a Sé Nova... É bom, conclui.

**#20 69 anos, reformado, de Coimbra**

A melhor terra de todo o mundo. Para o homem de 69 anos que está na Rua da Sofia, essa é a imagem que tem da cidade. Marca-o a forma como a terra recebe muito bem as pessoas que vêm para aí trabalhar. Vive-se bem em Coimbra, a relação com todos é boa. Dá gosto viver nesta terra, porque as pessoas são “pessoas de paz”. Será isso que atrai os turistas? Para este reformado, o mais importante são as pessoas, depois as instituições, a presença da Universidade, os estudantes e contribuem muito para alegria e desenvolvimento cultural desta terra. É uma terra culta e isso ajuda muito a ser uma terra de paz. Mas a falta de estruturas, como **na Rua da Sofia**, em que se

caminha e se vai tropeçando nas irregularidades do passeio, obriga-o a encostar-se à parede. Conta um pouco da história de Coimbra: quando existiam fábricas à volta, havia muita gente operária que criavam riqueza nas empresas onde trabalhavam e valorizavam esta terra. Com a privatização das grandes empresas e o favorecimento a outros empresários, é uma terra que está a ficar para trás em relação a outras, o que considera uma pena. Considerada a terceira cidade do país, tem dúvidas se hoje continua a ser. A solução? O presidente da Câmara trabalhar com o Governo para colmatar as faltas da cidade. Tem esperança que este ou outros presidentes de Câmara, no futuro, se interessem por criar aquilo que falta na terra, para o bemestar das pessoas. O turismo podia ser melhor, tem de haver alojamento e diversão. Há muita para fazer, mas o homem revela que há trabalho feito. Estão-se a fazer grandes coisas na Baixa, sem danificar muito o que existia, assegura. E que há casos de demolições, mas o que se está a fazer é já a pensar no desenvolvimento do futuro.

**#21 41 anos, secretária forense, de Coimbra**

Para quem não conhece, divulgaria Coimbra como cidade tranquila. É a resposta de uma mulher de 41 anos, natural da cidade e que trabalha como secretária forense. Sem problemas de trânsito ou de muita impessoalidade. **Conversa na Rua da Sofia.** Como se fosse uma aldeia pequenina, explica. Vive à base da prestação de serviços, por parte das faculdades, por parte do comércio e de turismo. Mantém-se mais na história do que propriamente em termos evolutivos. Todos os monumentos, toda a parte história da cidade e tudo o que faz parte da História de Portugal e que traz turistas. Considera a classificação da UNESCO um marco, tal como o Rio Mondego, ou o facto de muita história de Portugal passar-se aqui também. A própria Rainha Santa Isabel, acaba por fazer essa ligação e de criar esse impacto na parte turístico.

**#22 43 anos, Proprietário, Turista espanhol 1ª vez na cidade**

No passeio oposto, um turista espanhol fotografa a **Igreja de Nossa Senhora do Carmo.** É a primeira vez que está em Coimbra. Tenciona ficar dois dias. Corrige: um dia e meio. Tem 43 anos e vive do negócio imobiliário, “rentista” de apartamentos. Acha que os edifícios precisam de mais limpeza e restauro. Sabe que a cidade tem classificação da UNESCO, mas não tem uma opinião – ainda não visitou a Universidade. Gosta de Portugal, mas a família conhece apenas Lisboa e o Sul, tendo decidido visitar Coimbra porque não conheciam ainda a cidade nem o norte do país.

**#23 72 anos, costureira**

**Costureira, a trabalhar na cidade há 29 anos, gosta da cidade.** A cidade vai melhorando um bocadinho. Conta que este ano até se sinto um melhor a andar – encontrámo-la a passear na Rua Ferreira Borges. Talvez não haver fogos à volta da cidade, ou pelas pessoas não fumarem tanto. Para esta mulher, o importante que que o ambiente seja bom. Não sento uma diferença muito grande com a classificação da UNESCO. Gosta na mesma da cidade.

**#24 18 anos, estudante**

Em geral, gosta de tudo na cidade. A estudante de 18 anos, natural de Coimbra, trabalha num call-center. No centro histórico, por exemplo, onde alguns prédios que já são antigos, gosto de ver a estrutura. São construções antigas e é uma arquitetura completamente diferente da de agora. Acha mais bonito, porque a construção de agora é mais geométrica. Gosta do movimento na arquitetura dos edifícios mais; para ela, é mais bonito. **Considerações pertinentes na Rua Ferreira Borges, que convidam a subir o olhar.** Fala de mudanças. Têm havido algumas mudanças, também na parte paisagística. Coimbra ainda é uma cidade de muitas paisagens e com alguns sítios verdes, e compara com Lisboa e Porto, mais ligadas à parte comercial, económica; então têm mais edifícios. Acha que seria melhor que Coimbra não se industrializasse muito. Para manter uma distinção, um outro ambiente. Pensa que os turistas são atraídos pelas infraestruturas; e também por causa da Universidade. E também por causa da Universidade. Todos os dias vê turistas na UC, a tirar fotos, e gostam.... Pensa que há uma boa relação entre os estudantes e os turistas, o que acaba por dar uma boa imagem da cidade. E conta que se sente bem sabendo que há turistas que gostam de ir ver a escola onde estuda, onde tem a oportunidade de ter acesso a um sítio que muita gente gostava de estar. E isso, conta a estudante, cativa mesmo as pessoas. Como a classificação da UNESCO, que acaba por ser uma boa notícia para as pessoas de Coimbra, um motivo de orgulho.

**#25 59 anos, cozinheiro**

Coimbra foi sempre a cidade que sempre gostou na sua vida. **Sentado na Rua Visconde da Luz, acrescenta que é atualmente a cidade mais pacata.** Mas quando pensa na evolução da cidade, o cozinheiro do Restaurante D. Pedro, que vive em Coimbra há 35 anos, não é meigo. Critica os sucessivos presidentes da Câmara Municipal, que não fazem nada pela cidade. E nem compreende como a cidade tem tanto turismo, porque só tem ruínas para oferecer. Permanece em Coimbra porque tem aí a sua vida estabelecida. Depois de uma passagem por Angola durante cinco anos, foi obrigado a regressar. Com outras condições, poderia ter aí ficado. Apesar das críticas, atualmente gosta de viver na cidade. Elogia o Parque da Cidade, confessando-se adepto de ar livre e da pesca.

**#26 30 anos, empregada de Balcão**

Nesta zona da **Baixa**, nota-se abandono, fechos das lojas, infraestruturas. Quem o conta é uma empregada de balcão, com 30 anos, 8 dos quais passados em Coimbra. Não tem visto nada de positivo ao longo do tempo. Para melhorar, devia haver algo que demonstre a cultura. Algo que chamasse à atenção dos turistas. Coimbra em si é uma cidade bonita. Isso, para a jovem, atrai turistas. Mas é preciso dar um pouco de inovação e fazer qualquer coisa ainda mais... Umas mudanças, conclui. Mas gosta de Coimbra. Veio de uma cidade muito calma, gosto de estar na cidade, onde há segurança. Comparando com Lisboa e Porto, que são cidades muito agitadas, onde pensa que já não conseguia viver.

**#27 69 anos, doméstica**

A loja está fechada, mas a idosa continua a olhar a montra situada na rua Visconde da Luz. Costuma vir à cidade fazer compras e ir aos hospitais. Vê mais lojas fechadas que abertas. Mas a cidade atrai visitantes. Tem “as universidades”. Pensa que a Classificação da UNESCO foi bem entregue, mas não tem a certeza do impacto. É capaz de ter, conclui.

**#28 45 anos, rececionista de hotel**

**Um pouco acima do Arco de Almedina**, a olhar as filas de turistas que esperam por uma sessão de Fado, está sentado um homem a beber uma cerveja. É brasileiro, e está pela segunda vez em Coimbra. Descobriu uma magia por aqui, explicando que já conheceu outros lugares de Portugal, e que Coimbra está ganhando. Por agora passa férias em Coimbra, mas gostava de conhecer os Açores. Em Coimbra, atrai-o as construções, a recetividade das pessoas, que lhe relembra a terra onde mora [Rio de Janeiro]. Ficou tão encantado pela cidade que não tem observações negativas a tecer. Coimbra não estava nos seus planos, e quando veio, não tinha ideia de nada. Quando questionado sobre o que procurariam os turistas, fala do que foi conhecendo. O Rio Mondego, um lugar sensacional. As construções, e sobretudo as ruas estreitinhas que o encantam. A Classificação da UNESCO desperta interesse, e leva as pessoas a quererem conhecer, remata.

**#29 38 anos, Analista de Mercado**

**A Biblioteca Geral é um ponto onde sempre se encontram turistas.** É lá que compram os bilhetes para acesso a alguns espaços da Universidade. Uma mulher está sentada, à sombra, num banco de pedra. Veio da Rússia, e está pela primeira vez em Coimbra. Questionada sobre a primeira impressão da cidade, surpreende-se pela antiguidade da cidade. Com muitas igrejas. Tal como Lisboa (mas essa mais moderna). Tenciona ficar um dia, mas gostaria de visitar novamente Coimbra quando regressar a Portugal. Por agora, apenas visitou a Universidade, e seguirá para o Portugal dos Pequenitos.

**#30 29 anos, Agente de Viagens**

Com alguma dificuldade, consegue-se encontrar um português, de Leiria. Regressado da Islândia, onde trabalha numa agência de viagens. Já passou algumas vezes em Coimbra, cidade bastante universitária, com o rio muito e que acha boa para passar um dia. Confessa que não gosta de ficar mais do que um dia no mesmo sítio. Mas regressa porque os edifícios são muito peculiares na parte universitária. Cada faculdade tem as sus próprias estátuas, os seus próprios simbolismos ligados ao ramo científico. **E para ver aqui a Universidade Velha e a Biblioteca.** Talvez haja alguma falta de alojamento com alguma qualidade, responde, confrontado com a ideia de que os turistas passam pouco tempo na cidade. Conta também que já ouviu colegas referirem dificuldades em arranjar quartos para os estudantes, e sem as melhores condições. Quanto à cidade, para ele mantém-se igual. Em relação à classificação da UNESCO, acrescenta que é sempre uma mais-valia.

**#31 26 anos, empregado part-time no retalho e músico**

**Sentado no terraço da Rádio Universidade de Coimbra, mesmo em cima da entrada do nº 1 da Rua Padre António Vieira** e com vista para a Avenida Sá da Bandeira, escuta-se alguém que há 8 anos viera estudar para a cidade e por aí decidiu ficar. Atraído pelo curso de jornalismo e pelas atividades extracurriculares na AA, sabia que poderia ter um percurso mais interessante do que aquele que tinha nos Açores. Após o final da licenciatura, continuou a estudar música. Com os amigos que aí vivem, as atividades, tudo isso ajudou a aumentar os laços com a cidade. Considera que isso, mais a oferta cultural interessante (tendo em conta a dimensão da cidade), faz toda a diferença. A proximidade geográfica entre os pontos atrai os estudantes a fixarem-se, mas por outro lado o mercado de trabalho não é vantajoso. Para contornar a situação, o músico defende que a Universidade, sendo um núcleo muito importante e sobre o qual gira tudo, devia oferecer mais condições e oportunidades. Destaca ainda a falta de indústrias; a economia da cidade depende muito do arrendamento, e a dinâmica própria dos tempos dos estudantes não permite que vivenciem a cidade como outros cidadãos. Acrescenta que a cidade vive presa a isso, e que o próprio mercado de trabalho acaba por ser penalizado. Exemplifica com a oferta de trabalhos para “a noite”, que não são os melhores empregos. Com a classificação da UNESCO, o comércio aumenta, mas o jovem não acredita que essa alternativa represente melhor oferta, pelo número de pessoas empregues e pelas condições laborais. O turismo tem impacto na cidade. Destaca a Baixa, e apesar de algumas ilusões que as narrativas turísticas possam vender a quem visita (como conservas, bens alimentares essenciais vendidos a preços altos em lojas gourmet), há um impacto positivo, como trazer pessoas em épocas onde a cidade fica vazia. Ainda assim, há reflexos negativos, como o aumento dos preços. Lamenta que há sempre coisas que mudam para o turista e não tornam a cidade melhor para as pessoas que vivem em Coimbra, ou para os estudantes que saem da Universidade. Faz falta um plano a longo prazo, e necessita de melhorar a rede de transportes. A cidade vive muito ligada aos estudantes, mas há uma parte da população que parece que vive à parte, porque a UC vale por si. Há um problema de comunicação entre os dois lados (entre a CMC e a UC). É muita dinâmica muito estranha, resume. Ainda assim, o rapaz considera que a cidade o marcou positivamente, pela abertura do espectro cultural. A colaboração com as secções da AAC (Secção de Jornalismo com o Jornal Universitário de Coimbra - A Cabra e Revista Via Latina ) ajudou-o a rapidamente perceber as dinâmicas culturais, sociais, políticas da cidade.

**#32 37 anos, empregada de balcão de estabelecimento comercial em Coimbra**

**Na Rua Visconde da Luz encontram-se várias lojas de recordações.** Uma delas estava vazia; enquanto não entra ninguém à procura de algo que testemunhe a sua passagem por Coimbra, a mulher que estava ao balcão fala um pouco. O turismo tem crescido a nível nacional, e no ano passado notou-se um boom de turistas na cidade. Este ano, também há bastantes turistas; mas acrescenta que não tantos quanto o ano passado, mas é uma cidade que eles não deixam de visitar. Atraídos pela Universidade, como património da UNESCO, é o ex-libris. A classificação teve

impacto mas critica a Câmara Municipal e outras entidades por não promoverem mais atividades que atráissem ainda mais os turistas. Animação de rua, mais estudantes a cantar e a dançar, comércio aberto à noite, seria uma cidade ainda mais atraente. Coimbra é uma cidade de passagem, conta a mulher, são menos aqueles que ficam cá para estadias mais longas. Gosta de viver em Coimbra. Uma cidade que não se pode perder, das mais bonitas e com uma zona histórica bem cuidada, com a empregada de balcão a destacar ainda a vista do rio e o sossego da cidade. Mas que procura o turista na loja? Algo relacionado com Coimbra, um prato, ou a torre da Universidade em miniatura, o estudante ou a tricana; leva também faiança pintada à mão e também outros artigos relacionados com Portugal. O que importa e devemos defender é que todos eles sejam autenticados, esclarece. Mesmo que os objetos não estejam ligados a Coimbra, como a cortiça, questionada por alguns, mas integrados numa ótica de objeto nacional. Porque são lojas de artigos turísticos, não só de artigos feitos em Coimbra, ou que mencionem a cidade, mas tudo o que relacione com Portugal; tal como os azulejos presentes em todo o país e não só em Coimbra, conclui.

## Anexo II

## Recortes de imprensa da apresentação do adCHC

31-08-2018 | diário **as beiras**

# Nova plataforma para preservar a memória do centro histórico



DB-Carlos Jorge Monteiro

Plataforma foi apresentada no Convento São Francisco

●●● O Arquivo Digital do Centro Histórico de Coimbra é o novo repositório da memória da Baixa e Alta da cidade.

O arquivo foi ontem apresentado no Convento São Francisco, no âmbito do ciclo "Dar a ouvir. Paisagens Sonoras da Cidade" após o concerto do duo At C (@c).

A nova plataforma inclui o conteúdo do Arquivo Sonoro do Centro Histórico de Coimbra ou de uma iniciativa de fotografia em torno de edifícios degradados da cidade, "Ai Coimbra Que Cais", entre outras coleções, mas a adição de conteúdos vai estar ao alcance de qualquer utilizador, sob aprovação do Jazz ao Centro Clube (JACC).

Daniel Lopes, o estudante de mestrado em Design e Multimédia que desenvolveu este arquivo, explica que se trata de uma iniciativa do Jazz ao Centro Clube que surge como uma forma de continuar o trabalho do Museu Temporário de Memórias, um projeto que procurou preservar objetos de comerciantes



**O Arquivo Digital do Centro Histórico de Coimbra é um repositório de texto, fotografias, som e vídeo**

- 1 **Está disponível temporariamente em [arquivochc.dei.uc.pt](http://arquivochc.dei.uc.pt)**
- 2 **Instalações sonoras já foram criadas com recursos desta plataforma**

da Baixa. Agora, o arquivo digital abrange também a Alta e disponibiliza texto, fotografias, som e vídeo sobre o Centro Histórico de Coimbra. Cada conteúdo tem associado um local e uma data.

Pretende-se que a plataforma possa ser um repositório vivo de conhecimento em que qualquer pessoa possa adicionar conteúdos, mas também

uma ferramenta para ativar projetos artísticos a partir do material lá presente ou ainda que sirva para o desenvolvimento de iniciativas comunitárias, explicou a coordenadora do serviço educativo do JACC, Catarina Pires, à agência Lusa.

"Este arquivo quer ser um catalisador das memórias, mas também uma oportunidade de reflexão e ação sobre o presente", afirma Catarina, e acrescenta que "tem este lado digital, mas queremos que haja uma parte analógica e de encontro efetivo das pessoas e de discussão".

Os professores Pedro Martins e João Bicker orientaram Daniel Lopes neste seu projeto final. Os professores de Sociologia Sílvia Ferreira e Paulo Peixoto também estão envolvidos no projeto, com o mestrando desta área Daniel Silva, que está a dissertar sobre a forma de como a plataforma pode ser usada para estudos sociológicos. **| Maria Inês Morgado com Lusa**

"Diário As Beiras", 31 de agosto de 2018

31/08/18

## Arquivo digital do Centro Histórico de Coimbra apresenta-se à cidade



Registos sonoros de gente que habita ou percorre as ruas da cidade muralhada e dos locais próximos, fotografias dos edifícios e de iniciativas de todo o tipo, filmes e textos que lembram "memórias" da zona histórica da cidade, são alguns dos exemplos que podem ser depositados por qualquer cidadão no Arquivo Digital do Centro Histórico de Coimbra (ADCHC).

A antiga igreja do Convento São Francisco recebeu ontem, dia 30 de agosto, a apresentação do repositório de conhecimento que se quer "partilhado" pelos cidadãos e "colaborativo". A mediação pertence ao Jazz ao Centro Clube (JACC).

A apresentação do ADCHC aconteceu durante uma conversa conduzida pelo compositor de paisagens sonoras, Carlos Alberto Augusto. O moderador realçou a importância de disponibilizar "a riqueza imaterial" do Centro Histórico, à semelhança do que já acontece com os artefactos arqueológicos.

RUC Online, 31 de agosto de 2018: <https://www.ruc.pt/2018/08/31/arquivo-digital-do-centro-historico-de-coimbra-apresenta-se-a-cidade/>

### RTP NOTÍCIAS

## Centro Histórico de Coimbra com arquivo digital para falar do passado e do presente

Lusa  
30 Ago, 2018, 21:21 | Cultura

O Centro Histórico de Coimbra vai passar a ter um arquivo digital que se pretende assumir como um repositório vivo do conhecimento daquela zona da cidade, como um catalisador de memórias ou como uma oportunidade de reflexão e ação sobre o presente.



### TÓPICOS:

Daniel, Design, Educativo,

A plataforma digital, que alberga texto, fotografias, som e vídeo sobre o Centro Histórico de Coimbra, é apresentada hoje, numa iniciativa que surge de uma parceria entre o Jazz ao Centro Clube (JACC), o Departamento de Engenharia Informática e a Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Pretende-se que a plataforma possa ser um repositório vivo de conhecimento em que qualquer pessoa possa adicionar conteúdos, mas também uma ferramenta para ativar projetos artísticos a partir do material lá presente ou ainda que sirva para o desenvolvimento de iniciativas comunitárias, explicou a coordenadora do serviço educativo do JACC, Catarina Pires, que falava à agência Lusa antes da sessão de apresentação.

Take da Agência Lusa que teve repercussão nos principais órgãos nacionais:

([https://www.rtp.pt/noticias/cultura/centro-historico-de-coimbra-com-arquivo-digital-para-falar-do-passado-e-do-presente\\_n1096196](https://www.rtp.pt/noticias/cultura/centro-historico-de-coimbra-com-arquivo-digital-para-falar-do-passado-e-do-presente_n1096196) ; <https://www.dn.pt/lusa/interior/centro-historico-de-coimbra-com-arquivo-digital-para-falar-do-passado-e-do-presente-9781077.html> ; <https://www.cmjornal.pt/cm-ao-minuto/detalhe/centro-historico-de-coimbra-com-arquivo-digital-para-falar-do-passado-e-do-presente> )

## Arquivo Digital do Centro Histórico “de todos para todos”

31 de Agosto de 2018

Plataforma foi apresentada no Convento de São Francisco

Partilhe    



A apresentação decorreu na presença dos parceiros do projeto

Fotografia: © UC | Marta Costa

REDES

**SOCIAIS** Disponível provisoriamente no servidor do Departamento de Engenharia Informática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (DEI/FCTUC) e

<http://noticias.uc.pt/universo-uc/arquivo-digital-do-centro-historico-ja-esta-disponivel/>

07/09/2018

Arquivo Digital do Centro Histórico “de todos para todos” |



disponível para consulta em [arquivochc.def.uc.pt](http://arquivochc.def.uc.pt) o Arquivo Digital do Centro Histórico, desenvolvido entre o Jazz ao Centro Clube (JACC), a FCTUC e a Faculdade de Economia da UC (FEUC), foi apresentado ao público.

“Notícias UC”, 31 de agosto de 2018: <http://noticias.uc.pt/universo-uc/arquivo-digital-do-centro-historico-ja-esta-disponivel/>



O arquivo vai crescer com os contributos de várias fontes, incluindo os cidadãos comuns

## As ruas do centro de Coimbra têm nova morada na Internet

**Património**  
Camilo Soldado

**Arquivo Digital agrega informação em vários formatos e resulta de uma parceria entre o Jazz ao Centro e a universidade**

Há mais uma entre as inúmeras hipóteses de percurso para aceder ao centro histórico de Coimbra. De uma parceria entre o Jazz ao Centro Clube (JCC) e vários braços da Universidade de Coimbra (UC) nasceu o Arquivo Digital do Centro Histórico de Coimbra (ADCHC), uma plataforma que pretende reunir informação de vários formatos sobre a área mais antiga da cidade.

A plataforma, que foi apresentada ontem no Convento de São Francisco, agrega fotografia, sons, vídeo e documentação e requer a colaboração da comunidade. "Um dos objetivos do arquivo é que seja alimentado pelos contributos de qualquer pessoa", explicou Catarina Pires, do serviço educativo do JCC, ao PÚBLICO. A responsável refere que o site "é o primeiro objecto para a materialização da ideia do ADCHC e para a disponibilização online do arquivo sonoro do centro histórico de Coimbra".

Quem acede ao site encontra um polígono de perfilso verde-

lho desenhado por cima do mapa de Coimbra, numa zona que vai do Jardim da Serica e se estende à Baixa e à margem do Mondego. Os vários pontos dispersos pelas ruas indicam a informação existente. Todos os conteúdos estão datados e georeferenciados, sendo que os documentos disponíveis neste momento de arranque vão de 1902 a 2018. Para inserir a sua própria informação, basta criar um perfil e submetê-la, e esperar aprovação dos curadores.

### Base para projectos da UC

Para montar o projecto, o JCC, que tem as suas instalações no Salão Brazili, no coração da Baixa da cidade, articulou-se com o Departamento de Engenharia Informática e com a Faculdade de Economia da UC, que ajudaram a moldar a plataforma. A concepção do site ficou a cargo do estudante Daniel Lopes, aluno de mestrado em Design e Multimédia. "O meu papel foi desenhar e programar a plataforma e desenhar a imagem gráfica", descreve o estudante de 23 anos que foi orientado por Pedro Martins e João Bicker. Os dois docentes estavam já ligados a um outro projecto quase olvidado pelo JCC e pela UC, de mobiliário interativo que dá a usar ir paisagem sonora do centro histórico de Coimbra.

O ADCHC teve o ponto zero no Museu Temporário de Memórias, um espaço efêmero que sobre-

abrou durante o Verão de 2006, na Baixa. No âmbito desse projecto foi compreendido um "levantamento de informação muito relevante de história da cidade", recorda Catarina Pires. Juntando essa recolha ao trabalho desenvolvido pelo paisagista sonoro Lobo Antenor para a criação do arquivo sonoro da cidade, "havia intenção em reunir muita informação dispersa sobre o centro histórico", afirma Catarina Pires.

Quando se fala em reunir informação dispersa, fala-se também em locais de mostrado ou doutoramento produções sobre a Baixa de Coimbra. É neste campo que entra a FEUC, com a pesquisa, produção e inscrição de conteúdos. A docente de Sociologia, Sílvia Ferreira, fala na "recolha e sistematização da produção científica sobre o centro histórico", como uma primeira fase da colaboração.

Mas a plataforma vai funcionar em dois sentidos. Se se alimenta dos contributos da comunidade, também se pretende que contribua para a difusão do conhecimento, servindo como base de dados. E como pode essa informação ser trabalhada? A socióloga exemplifica com a cadeira de Gestão de Projectos, que lecciona na FEUC: "Os estudantes podem desenvolver projectos de intervenção social orientados para aquele território, a partir da informação que está na plataforma".

camilo.soldado@publico.pt

“Público”, 31 de agosto de 2018 (<https://www.publico.pt/2018/08/30/local/noticia/as-ruas-do-centro-historico-de-coimbra-tem-nova-morada-na-web-1842545>)

## **ANEXO III**

### **Digitalizações Manuel Figueiredo**

#### **CMD 248**

Concurso de Mandadores na Praça Velha

- 1 - Introdução
- 2 - Sérgio Monte Negro (Conchada)
- 3 - Carlos Mendes (S. José)
- 4 - Carlos Alberto (Sta. Clara)
- 5 - José Pereira (Montes Claros)
- 6 - Álvaro Moreira (Arregaça)
- 7 - Programa Roda Viva (Continuação) RDP CENTRO OM

(Música do Rancho Bordalo e Grupo de Cordas e Cantares do Ateneu de Coimbra)

#### **CMD 244**

Grupo Coral do Ateneu de Coimbra

RDP Onda Média 1974/75

1. Vale Verde
2. José Duarte
3. Milho da Nossa Terra
4. Mar Português
5. Gilberto Pinto Anjo
6. Luisinha
7. Tic Tac
8. José Duarte
9. Venha
10. Canta Camarada

Maestro Júlio Fernandes

#### **CMD 243**

Programa da Noite

Como seriam as fogueiras em 1900 em Coimbra

Programa de Álvaro Perdigão E.N. 1970

Participação:

José Lopes da Fonseca (José Trego) - Viola

Guilhermina Peixoto - Voz

Jemeralda Peixoto - Voz

Alexandre Louro

#### **CMD 242**

Grupo de Cordas e Cantares do Ateneu de Coimbra

Programa: Vidas na Noite (1976) RDP Centro, Estúdio B

1. Aurélio Santos
2. Indicativo
3. Maria José Trego
4. Barquinho Ligeiro
5. Aurélio Santos
6. Se Fores à Fonte
7. Mandador António Pereira “Violas”
8. Noite Serena
9. Aurélio Santos
10. Cavaco do Rio
11. Fernando Santos (Locutor)
12. Olhos Negros
13. Fernando Santos
14. Trovas de Coimbra “Vira de Coimbra”
15. Fernando Santos
16. Staccato para António Aleixo
17. Fernando Santos
18. Polca “Rapsódia de Fados”